



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS
CAMPUS V- MINISTRO ALCIDES CARNEIRO
CURSO DE BACHARELADO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

NATHALIA RACQUEL DE OLIVEIRA ROCHA

A percepção da vulnerabilidade socioambiental dos catadores de materiais
recicláveis da ACATAVALE: um estudo de caso

JOÃO PESSOA – PB

2016

NATHALIA RACQUEL DE OLIVEIRA ROCHA

A PERCEPÇÃO DA VULNERABILIDADE SOCIOAMBIENTAL PELOS CATADORES
E CATADORAS DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DA ACATAVALE: UM ESTUDO DE
CASO

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Ciências Biológicas da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Biológicas.

Área de concentração: Educação Ambiental

Orientador: Prof. Dr. Vancarder Brito Sousa

JOÃO PESSOA
2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

R672p Rocha, Nathalia Racquel de Oliveira

A percepção da vulnerabilidade socioambiental pelos catadores e catadoras de materiais recicláveis da Acatavale [manuscrito] : um estudo de caso. / Nathalia Racquel de Oliveira Rocha. - 2016.

67 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2016.

"Orientação: Prof. Dr. Vancarder Brito Sousa, Departamento de Ciências Biológicas".

1. Vulnerabilidade socioambiental. 2. Catadores de resíduos sólidos. 3. Gênero. I. Título.

21. ed. CDD 305.23

NATHALIA RACQUEL DE OLIVEIRA ROCHA

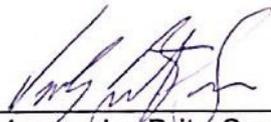
A PERCEPÇÃO DA VULNERABILIDADE SOCIOAMBIENTAL PELOS
CATADORES E CATADORAS DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DA
ACATAVALE: UM ESTUDO DE CASO

Trabalho de Conclusão de curso
apresentado ao Curso de
Bacharelado em Ciências Biológicas
da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento às
exigências para obtenção do grau de
Bacharel em Ciências Biológicas.

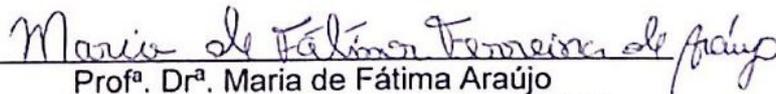
Área de concentração: Ecologia
Humana

Aprovada em: 19/12/2016.

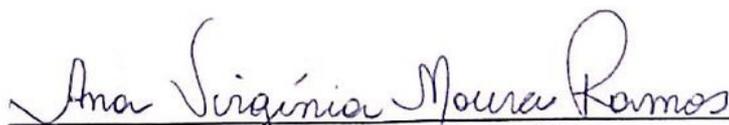
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Vancarder Brito Sousa (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.ª. Dr.ª. Maria de Fátima Araújo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.ª. Dr.ª. Ana Virgínia Moura Ramos
Instituto Federal da Paraíba (IFPB)

Aos meus pais, irmãos, família e amigos que me acompanharam e me deram força durante minha trajetória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me tomado nos braços nos momentos de tormenta. Guiado-me durante as dificuldades deste ano que foi o mais difícil de minha vida e, sobretudo agradeço a Ele por ter tornado a realização deste sonho possível.

Meus mais sinceros agradecimentos e amor aos meus pais, Sônia e Gírlan, que foram meu mais forte apoio e incentivo durante toda esta caminhada, que estiveram comigo durante todos os momentos me dando os melhores conselhos, que se levantavam de madrugada para me ajudar, que faltaram ao trabalho para estarem comigo e a quem eu dedico a minha vida e este trabalho, a quem eu espero orgulhar, vocês são a razão de tudo isso. Devo agradecer, também, aos meus irmãos e cunhada, Rômulo, Rodrigo e Jaqueline, que fizeram parte disto tudo me passando confiança de que tudo aconteceria da melhor forma possível. Amo vocês demais, são minha fortaleza!

Aos meus demais familiares agradeço por terem estado comigo em todos os momentos, por me passarem positividade e me ajudado a olhar sempre o lado bom das situações, por todos os finais de semana de reuniões e diversão, somos uma verdadeira família e como tal nos apoiamos e vivemos todas as situações juntos, temos muito amor envolvido.

Meus mais felizes e sinceros agradecimentos ao meu orientador Vancarder Brito Souza por ter me estendido a mão quando eu mais precisei, nos minutos finais antes das cortinas se fecharem. Obrigada por, em tão pouco tempo, ter me ensinado o verdadeiro significado de ser mestre, professor e orientador. E acima de tudo, obrigada por ter ajudado a me encontrar no mundo da biologia.

Agradeço, também, a professora Maria de Fátima Araújo por ter aberto as portas para que a realização deste trabalho fosse possível. Obrigada pelos momentos de conversas e ensinamentos acerca do meu objeto de estudo.

Desde já, agradeço à banca deste trabalho, as professoras Ana Virgínia Moura Ramos e Maria de Fátima Araújo, muito obrigada!

Obrigada aos professores Daniela Pontes e Cleber Salimon por terem me orientado nos momentos, da graduação, mais tensos desse 2016, muito obrigada por tudo!

A todos os meus professores da graduação, que mesmo sem estrutura e com todas as dificuldades enfrentadas me inspiraram a ser não só uma verdadeira bióloga, mas também, a ser um pouco de cada um de vocês. Obrigada por me fazer encontrar vida em todos os mínimos detalhes da nossa existência.

Agradeço ao motorista, Seu Miranda, por ter me levado tantas vezes ao meu local de estudo e pelos momentos de descontração.

Meus mais profundos e eternos agradecimentos e admiração às mulheres e homens que tornaram tudo isto possível. Guerreiros que me acolheram e acolhem com todo o carinho e boa vontade. Seres humanos que me ensinaram o verdadeiro sentido da palavra coragem, sobreviventes que apesar de todas as dificuldades impostas pela vida, nunca desistiram, que se fazem fortes e gigantes todos os dias. Obrigada por compartilharem suas histórias e experiências, por me emocionarem ao mostrar que viver é muito mais do que olharmos apenas para dentro de nosso próprio universo.

Aos meus amigos de universidade e antigos companheiros de laboratório, Gabi, Oton, Maria Helena, Felipe, Rayssa, Glayce, Camis, Dani, Matheus, Kamila, Jessyca e Bete, pelas tardes de café e de descontração.

Aos meus amores da minha turma de graduação Je, Alan, Alisson, Isadora, Jeca, Lay e Thuanny, Davi, César, Dani, Camis, jamais esquecerei de vocês, obrigada por todos os momentos vivenciados, por todas as alegrias e angustias compartilhadas, pela viagens e pela rotina vivida, tenho certeza que nossa amizade será levada para sempre, obrigada por tudo, é muito amor envolvido!.

Minhas meninas, Jeca, Je, Camis, Dani, Rafa, Zanny, Lay, Adri, Carolis, Mari, Nacilis, Ray e Ludi, meu muito obrigada, obrigada por estarem em todos os momentos da minha vida e por me darem força durante todo o tempo de realização deste trabalho. Encontrei verdadeiras amizades em vocês, espero levá-las comigo para sempre. Amo vocês!

Meu agradecimento especial vai para Camis e Je (sim, de novo por que podem!) que me ajudaram de uma forma que não tem explicação, que literalmente enfrentaram junto a mim um mar revolto para que tudo desse certo. Obrigada meninas por terem segurado a minha mão quando a correnteza tentou me puxar para longe, minha profunda admiração por tê-la enfrentado junto a mim.

Às minhas irmãs de vida, Pri, Ingrydh e Bru, muito obrigada por todo amor e incentivo durante toda a nossa vida juntas, principalmente, durante um período realmente difícil que antecedeu este trabalho, obrigada por sempre estarem comigo e me passar confiança de que tudo daria certo no final. Amo vocês!

Meus mais profundos agradecimentos à vida, que todos os dias me ensina um pouco mais sobre amor ao próximo, coragem de lutar pelo que eu sonho e acima de tudo, a não desistir jamais!

“São homens e mulheres que labutam
E juntos vieram para somar
Igual a tantos brasileiros que lutam
Esperando que um dia possa melhorar.”

Carol Carolina

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a percepção da vulnerabilidade socioambiental, bem como a participação do gênero feminino inserido no trabalho com materiais recicláveis dos catadores e catadoras de materiais recicláveis da Associação dos Catadores do Vale das Palmeiras - ACATAVALE, localizada na cidade de João Pessoa – Paraíba. Foi um estudo quanti-qualitativo, com questionários fechados a fim de traçar o perfil socioeconômico dos catadores e entrevista semi-estruturada, onde os dados obtidos acerca dos catadores dizem respeito à percepção da vulnerabilidade socioambiental, bem como, informações acerca da representatividade do gênero feminino na atividade de catação de materiais recicláveis. A análise dos resultados expõe que as condições socioambientais nas quais os catadores da ACATAVALE estão inseridos são precárias, com baixo nível de escolaridade, renda familiar mensal inferior a um salário mínimo nacional, rotina de trabalho de até 8 horas e longos percursos diários, condições de moradias inadequadas, condições laborais indevidas que se refletem em riscos de acidentes durante o trabalho. Foi constatado, também, que os catadores são alvos de discriminação social independente do gênero, mas que o preconceito se evidencia para o gênero feminino, onde as catadoras, além de sofrerem discriminação e assédio sexual nas ruas, são discriminadas no ambiente familiar, não obstante, as mulheres representam maioria dos componentes da referida associação. Todos os entrevistados demonstraram que possuem percepção sobre o meio ambiente e os impactos que os resíduos sólidos podem causar na natureza, da vulnerabilidade socioambiental a que estão submetidos, dos riscos que correm ao trabalhar com resíduos sólidos, bem como, do papel fundamental que eles desempenham para a sociedade.

Palavras-Chave: Vulnerabilidade socioambiental, catadores de resíduos sólidos, gênero.

ABSTRACT

The objective of this research is to analyze the perception of socioenvironmental vulnerability, as well as the participation of the female gender in the work with recyclable materials from the collectors and recyclable waste collectors of the Association of Waste Collectors of the Vale das Palmeiras - ACATAVALE, located in the city of João Pessoa - Paraíba. It was a quantitative-qualitative study, with closed questionnaires to trace the socioeconomic profile of the collectors and semi-structured interview, where the data obtained about the collectors concern the perception of socio-environmental vulnerability, as well as information about the representativeness of the female gender in the activity of recycling recyclable materials. The analysis of the results shows that the socio-environmental conditions in which the ACATAVALE waste pickers are inserted are precarious, with a low level of schooling, monthly family income lower than a national minimum wage, a work routine of up to 8 hours and long daily journeys, Housing, improper working conditions that are reflected in the risk of accidents during work. It was also found that the scavengers are targets of social discrimination regardless of gender, but that prejudice is evident for the female gender, where the scavengers, in addition to suffering discrimination and sexual harassment in the streets, are discriminated against in the family environment, not However, women make up most of the components of this association. All the interviewees showed that they have a perception about the environment and the impacts that solid waste can have on nature, the socio-environmental vulnerability to which they are exposed, the risks they have in working with solid waste, and the fundamental role they play for the society.

Keywords: Socio-environmental vulnerability, waste pickers, gender.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1.** Mapa da localização da cidade de João Pessoa – Paraíba. 29
- Figura 2.** Galpão onde são armazenados os produtos separados para a venda na Associação dos catadores do Vale das Palmeiras (ACATAVALE)..... 31
- Figura 3.** Espaço externo da ACATAVALE, utilizado para o armazenamento e triagem dos materiais recicláveis coletados durante a jornada de trabalho. 31
- Figura 4.** Galpão sede da ACATAVALE, local utilizado para o armazenamento dos materiais separados, reuniões e aulas de alfabetização do projeto Sal da Terra. 35
- Figura 5.** Terrenos individuais que cada catador utiliza para a segregação dos materiais recicláveis coletados.. 36
- Figura 6.** Vista externa dos apartamentos do Conjunto Habitacional Vale das Palmeiras..... 37
- Figura 7.** Gráfico da representatividade do gênero feminino na ACATAVALE..... 37
- Figura 8.** Gráfico dos catadores da ACATAVALE que tiveram acesso à escola. 40
- Figura 9.** Banheiro instalado no galpão da ACATAVALE. 41

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRELPE	Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais
ACATAVALE	Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis do Vale das Palmeiras
MNCR	Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis
PMJP	Prefeitura Municipal de João Pessoa

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	13
2.	REVISÃO DE LITERATURA	15
2.1	Vulnerabilidade Socioambiental	15
2.2	Resíduos Sólidos	17
2.3	Catadores de Resíduos Sólidos	20
2.4	Questão de gênero e a mulher na catação.....	21
2.5	Educação Ambiental	26
2.6	Percepção Ambiental	27
3.	METODOLOGIA	28
3.1	Local de Estudo	28
3.2	Método Qualitativo	32
3.2.1	Observação Participante.....	33
3.2.2	Entrevista Semi-Estruturada	33
4.	RESULTADOS E DISCUSSÃO	35
5.	CONCLUSÃO	53
6.	REFERÊNCIAS	55
	APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista	63

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a percepção da vulnerabilidade socioambiental dos catadores e catadoras de materiais recicláveis da Associação dos Catadores do Vale das Palmeiras (ACATAVALE), localizada na cidade de João Pessoa – Paraíba, com uma especial atenção voltada para a percepção das mulheres sobre a atividade da catação.

O conceito de vulnerabilidade pode ser definido como o estado da capacidade de autonomia prejudicado ou diminuído, afetando grupos ou indivíduos, podendo ocorrer por um evento natural, ou a suscetibilidade ao risco, questão essa, diretamente ligado à sociedade de risco.

A sociedade de risco surgiu durante a modernização tardia onde os riscos sociais, econômicos e políticos, aumentaram em larga escala e aliados ao novo estilo de consumo, ficaram fora de controle, afetando as classes mais baixas da população. Com a modernização industrial, os bens materiais passaram a ser produzidos em larga escala, tendo como consequência o aumento da quantidade de resíduos descartados.

A problemática dos resíduos sólidos é bastante antiga e vem acompanhando o crescimento dos espaços urbanos, que aliados à cultura de consumo e desperdício gera uma enorme quantidade de resíduos sólidos, tornando-o um grave problema ambiental e social.

Nesse cenário, de uma parcela da população afetada pela sociedade de risco e do aumento exponencial de resíduos gerados e acumulados, surgem os catadores de resíduos sólidos, gravemente afetados pela vulnerabilidade socioeconômica.

Os catadores de resíduos sólidos representam um papel essencial na nossa sociedade atual, numa cultura de desperdício, alto consumo e desrespeito com o meio ambiente. São importantes atores para a transformação social, que, no entanto são excluídos socialmente por desempenhar uma profissão marginalizada e considerada indigna.

Alguns dos fatores que contribuem para a mudança no pensamento consumista e do modo de vida atual advêm, não só, da educação, mas também de novos valores e de uma mudança na percepção sobre o meio ambiente. A educação ambiental surgiu como um instrumento de mudança social, agindo de forma direta sobre temas como resíduos sólidos, poluição de águas, ar e solo e na busca de ações de conscientização ambiental, aliada ao conceito de desenvolvimento sustentável.

As mudanças que ocorrem com o desenvolvimento sustentável e através da educação ambiental, se dão pela mudança da perspectiva que se tem em relação ao meio ambiente, e da conscientização de toda a sociedade. A percepção, de um modo geral, trata-se da atribuição de significados às vivências, onde as informações obtidas pelos sentidos podem ser interpretadas, selecionadas e organizadas.

Para um indivíduo, a percepção influencia diretamente na interpretação da realidade, do meio no qual ele vive e passa por diversas experiências e de si próprio, incluindo o meio ambiente e quando se trata de percepção ambiental, fala-se da tomada de consciência do próprio ambiente pelo homem, sendo o ato de perceber o ambiente no qual está inserido e cuidar do mesmo (Faggionato, 2002), seja ele urbano, rural ou de qualquer outro tipo.

Desse modo, este trabalho, visa responder ao seguinte questionamento: Os catadores e catadoras de materiais recicláveis da ACATAVALE possuem percepção acerca da problemática socioeconômica a qual estão inseridos?

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Vulnerabilidade Socioambiental

Para Silva (2014), a vulnerabilidade é definida como o estado de grupos ou indivíduos que tem sua capacidade de autonomia prejudicada ou diminuída, de modo que haja dificuldades de defender seus próprios interesses por déficits de recursos, atributos e poder. Em uma leitura complementar pode ser compreendida também, segundo Deschamps (2004), como a probabilidade de um indivíduo ou um grupo ser afetado por um evento natural; complementada como a suscetibilidade do ser humano ao perigo ou a algum dano (BRAGA; OLIVEIRA; GIVISIEZ, 2006).

Vários fatores então envolvidos na questão da vulnerabilidade que podem aumentar ou diminuir o risco ao qual o ser humano se expõe durante a vida: desastres naturais, perda de emprego, violência, moradia irregular e doenças, são alguns dos fatores (ESTEVES, 2011).

Como Marandola Jr e Hogan (2006) afirmam, o ser humano possui a capacidade de se adaptar a qualquer situação, incluindo situações de risco e de vulnerabilidade, para esta última, três fatores são os principais componentes da ideia: exposição ao risco, capacidade de reação e grau de adaptação. Para Mendonça (2004) as capacidades de reação e de resposta estão associadas a fatores sociais, econômicos e políticos que estão vinculados à condição de pobreza de milhares de pessoas; dessa forma, os mais pobres são os mais vulneráveis, graças à falta de boa posição social e econômica e pela ausência de políticas públicas de apoio, tudo isso reflete no enfraquecimento da capacidade de resposta desta parcela da população (ESTEVES, 2011).

Para Ulrich Beck (BECK, 2010) a produção social de riquezas é acompanhada sistematicamente pela produção de riscos na modernidade tardia, onde os problemas e conflitos surgidos na chamada sociedade da escassez sobrepõem-se aos problemas e conflitos surgidos da definição e distribuição dos riscos produzidos pela tecnologia.

A passagem da lógica da distribuição de riquezas na sociedade da escassez para a lógica da distribuição de riscos na modernidade tardia está relacionada

historicamente a duas condições: a primeira é que a medida que o nível das forças produtivas humanas e tecnológicas aumentam, a carência de material é reduzida e segregada, conquanto, riscos e potenciais autoameaças, até então desconhecidas, são desencadeados. Os riscos sociais, econômicos e políticos tornaram-se fora de controle das próprias instituições industriais, as quais se firmaram como legitimadoras desses riscos (BECK, 2010).

Tais riscos podem ser definidos como a percepção que um indivíduo desenvolve para antecipar certos acontecimentos que poderão afetar diretamente toda a humanidade, Beck afirma, ainda, que a incessante produção de riqueza é acompanhada de uma incessante produção de riscos globalizados, de modo que todas as classes sociais podem ser afetadas.

O conceito de sociedade industrial atual gira em torno de como as riquezas produzidas podem ser distribuídas de forma socialmente desigual, porém, legítimas. O paradigma da desigualdade social está relacionado, então, diretamente ao processo de modernização, ainda que tardia (BECK, 2010).

O paradigma da sociedade de risco de Beck (2010) fundamenta-se na resolução de como seria possível que ameaças e riscos coproduzidos no processo de modernização globalizada, sejam evitados, diminuídos e isolados, mas que não comprometam o próprio processo tecnológico e não ultrapassem os limites do socialmente aceitável.

Dessa forma, a percepção desta sociedade de risco deve ser a responsável por promover uma discussão política e moral que seja capaz de surgir um senso de responsabilidade coletiva. (BECK, 2010).

Falar de sociedade de risco, risco ambiental e exclusão social é, também, falar em vulnerabilidade socioambiental, Beck (2010) afirma que a sociedade de risco produz incertezas através de acúmulos de riscos ecológicos, financeiros e políticos. Para Guilan (1996) o risco enquanto ideia de algo não completamente firmado, revela-se como um conceito adequado para apresentar um conhecimento da ciência relativo à complexidade do meio ambiente.

2.2 Resíduos Sólidos

Muitos dos recursos naturais, largamente utilizados pela sociedade, são finitos, diante disto, faz-se necessário que a humanidade os use de modo que permaneçam utilizáveis pelo máximo de tempo possível. Tal mudança se dará através do desenvolvimento sustentável, que teve seu conceito dado pela Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente no Relatório Brundtland de 1987 onde “a sociedade de consumo será capaz de suprir as necessidades da geração atual sem comprometer a capacidade de atender às demandas das gerações futuras”.

No entanto, este conceito apresenta-se incompatível com a sociedade atual, onde o modelo de consumo que ultrapassa todas as barreiras do equilíbrio com a natureza. Por trás desta definição de desenvolvimento sustentável há um forte viés capitalista que prega altos índices de uso de matéria-prima para se fabricar mais e mais bens de consumo, uma mudança eficaz só se dará através de um desenvolvimento sustentável real e não apenas ideológico, onde a sociedade de consumo atual seja capaz de refrear seu padrão destrutivo e egoísta de consumo de modo que se preservem os recursos naturais.

Segundo Jacobi (2003), o desenvolvimento sustentável representa uma possibilidade de assegurar mudanças sociais e políticas que não comprometam sistemas ecológicos sustentadores de comunidades, e que o termo se confronta diretamente com a chamada “sociedade de risco”- marcada pela sociedade de consumo que tem impacto direto na exploração de recursos naturais para a matéria-prima de mais bens de consumo.

Como consequência há a devastação da natureza - implicando na necessidade de haverem mais práticas que garantam um maior acesso à informação, à políticas públicas e ações que promovam a educação ambiental. Integração da educação ambiental nas escolas, publicidade nos meios de comunicação sobre o tema, poderiam ser algumas das medidas que contribuiriam para a conscientização da população em relação à degradação do meio ambiente.

No que diz respeito à questão dos resíduos sólidos - que oferece riscos e, portanto, entra no conceito de vulnerabilidade social - principalmente, dos resíduos

sólidos urbanos, existe uma ligação direta com a crise ambiental¹ que enfrentamos atualmente, além da questão ambiental, apresenta-se também uma crise de valores (CAVALCANTE *et. al* 2007) no que diz respeito à relação entre homem e natureza, gerada pelo modelo de desenvolvimento atual, razão pela qual existem problemas ambientais e de exclusão social.

A maioria dos países exploram seus recursos naturais ao limite (BARBOSA, 2008), gerando um modelo baseado em progressos e consumos ilimitados e sem preocupação com o futuro (CAVALCANTE, 2003). Como o desenvolvimento está associado às cidades, por causa do intenso processo de urbanização, industrialização (MOTA *et. al*, 2013) e maiores oportunidades de emprego.

O padrão de produção e consumo atual tende a se firmar nos espaços urbanos (FERREIRA, 1998), fazendo com que haja uma maior concentração de recursos, investimentos e renda em algumas partes da população apenas, esses fatores somados ao crescimento das cidades sem infraestrutura – o que acarreta em problemas ambientais e sociais – quem sofre é a parcela mais pobre da população que é negligenciada e excluída socialmente.

Levando-se em consideração que a maior parte da população de uma localidade mora no meio urbano, pode-se observar que as crises ambientais enfrentadas nas cidades são reflexos da degradação nas condições de vida. É justamente nesses setores que a educação ambiental tem atuado, acerca de temas como resíduo sólido, poluição das águas e do ar e ações sobre conscientização ambiental e desenvolvimento sustentável.

Segundo Kirchner (2009), o crescimento urbano rápido junto ao desenvolvimento de uma sociedade de consumo e desperdício, gera uma enorme quantidade de resíduo sólido, tornando-se um problema ambiental.

¹ Crise ambiental: conjunto de ações danosas que o homem vem causando ao longo de sua existência. Essa crise existe há alguns séculos, sendo produto direto das ações danosas do homem à natureza, durante Revolução Industrial, período que se começou a utilizar os recursos naturais sem controle, é que a crise ganhou força (CASELLA, 2007). Junior (2004) dialoga que esta crise ambiental não se traduz apenas em mudanças no meio ambiente, mas também, em uma crise contemporânea da civilização, uma crise cultural. Esta crise ambiental chegou até os dias de hoje com força total e trazendo consequências irreversíveis, como mudanças climáticas, extinção de espécies e escassez de recursos, algumas soluções apontadas por Casella (2007) seria o direito ambiental, o desenvolvimento ecologicamente sustentável e a educação ambiental.

Segundo a ABRELPE (2014) mais de 215 mil toneladas de resíduos sólidos são geradas todos os dias no Brasil, só no Nordeste mais de 55 mil toneladas são geradas diariamente, sendo que 64% de tudo isso são destinados aos lixões, que diferem dos aterros sanitários no aspecto de preparação para receber o lixo.

Os lixões são áreas de disposição final do resíduo sólido que não recebem preparação alguma no solo, de modo que o chorume produzido pelo acúmulo de lixo penetra diretamente no solo e nas camadas mais profundas, assim, poluindo os lençóis freáticos, além disso, diversos animais vetores de doenças convivem livremente em meio ao lixo com crianças, adolescentes e adultos que ali catam qualquer tipo de coisa para sua sobrevivência, inclusive comida.

Os aterros sanitários são locais previamente preparados para a disposição final do lixo, o solo é impermeabilizado de modo que o lençol freático não é contaminado pelo chorume, produto este que é coletado através de drenos e depois de um tempo é encaminhado para uma central de tratamento de efluentes, ainda, há uma cobertura diária do lixo, para que não haja proliferação de doenças, mau cheiro e poluição visual.

Para Gonçalves (2004) o lixo é uma questão complexa e deve ser abordada como tal, envolve questões políticas, aspectos econômicos, ambientais, sociais e psicológicos. Econômico, pois, o mesmo representa uma fonte de renda para milhares de pessoas que vivem à margem da sociedade e que através da catação e reciclagem, geram movimentação de dinheiro, lucro para empresas e diminuição de gastos por parte do poder público.

Ambientalmente falando, o lixo representa uma fonte de poluição, tanto do solo, do ar e da água, como vetor de diversas doenças, esse último se encaixa no aspecto social, já que toda a sociedade se torna vulnerável, além do fato de que milhares de pessoas que trabalham com o lixo, o fazem em condições degradantes e indignas (RIBEIRO *et. al* 2011).

O aspecto político, é uma problemática puramente social, pois envolve todos as camadas da sociedade, aqueles que o produzem, aqueles que obtém o sustento através do resíduo.

A questão dos resíduos sólidos necessita de mais políticas públicas para que sua produção seja reduzida, para que lixões, grandes geradores de poluição da natureza e vetores de doença deixem de existir, para que o impacto na natureza diminua e para que as pessoas que vivem dele tenham sua cidadania garantida, com melhores condições de trabalho e de vida.

Um exemplo de política pública que diz respeito à questão dos resíduos sólidos, é a LEI 12.305 de 2010, que instituiu a Política Nacional de Resíduos Sólidos, bem como, estabelece princípios, objetivos, instrumentos e diretrizes para a gestão e gerenciamento dos resíduos sólidos, as responsabilidades dos geradores, do poder público, e dos consumidores, bem como os instrumentos econômicos aplicáveis.

Ela consagra um longo processo de amadurecimento de conceitos: princípios como o da prevenção e precaução, do poluidor-pagador, da eco-eficiência, da responsabilidade compartilhada pelo ciclo de vida do produto, do reconhecimento do resíduo como bem econômico e de valor social, do direito à informação e ao controle social, entre outros.

2.3 Catadores de Resíduos Sólidos

O desemprego enfrentado por milhares de pessoas é o principal problema que advém de uma crise global, fruto da modernização de indústrias, crescimento populacional e consumo exagerado, aliado à falta de educação ambiental (RIBEIRO *et. al.*, 2011). A crise referida trata-se de uma crise econômica, advindos desta crise, encontram-se os catadores que foram expulsos do mercado de trabalho (MOTA *et. al.* 2013).

Os fatores supracitados aumentam a quantidade de resíduos gerados, que afetam principalmente grupos mais vulneráveis, como pessoas com baixa escolaridade, não qualificadas, negros e idosos. Um dos produtos finais produzidos em larga escala por este modo de vida, o lixo, tornou-se uma saída encontrada por essas pessoas para gerar sua própria renda, por menor que ela seja (GONÇALVES, 2004; CAVALCANTE, 2007), geralmente, os lixões são os principais locais de

destino de inúmeras famílias, que de lá tiram seu sustento e até mesmo seu alimento (SILVA, 2014).

Os catadores de resíduos sólidos exercem papel fundamental na nossa sociedade, realizam um trabalho relevante para a sociedade e para o meio ambiente (KIRCHNER, 2009), são agentes ecológicos transformadores e tem sua ocupação regulamentada pelo Ministério do Trabalho e Emprego, a própria Política Nacional de Resíduos Sólidos, que regula como os resíduos sólidos devem ser gerenciados, os coloca como elementos intermediários entre a indústria –produtor primário- e o destino final dos resíduos gerados.

No entanto, estes trabalhadores, são marginalizados por realizarem atividades consideradas inferiores pela nossa sociedade (SILVA *et. al*, 2014; NETO *et. al*, 2007), tornando-os indivíduos com baixa autoestima, excluídos socialmente e com conceito distorcido de cidadania no que diz respeito, a saber, que possuem os mesmo direitos, deveres e condições de participar de decisões políticas e coletivas, como qualquer outro cidadão.

Os catadores buscam uma forma e oportunidade de inserção no mercado de trabalho e em uma sociedade consumista, realizando um trabalho relevante para a sociedade e para o meio ambiente (KIRCHNER, 2009), é necessário conscientizá-los de sua enorme relevância como atores transformadores do meio em que estão inseridos, a educação ambiental entra nesta questão, justamente, como elemento essencial para a conscientização da população em relação à participação dos catadores como agentes ambientais (NEVES *et. al*, 2016) .

2.4 Questão de gênero e a mulher na catação de resíduos sólidos

Segundo Silva e Menegat (2016) os primeiros registros significativos de mulheres no mercado de trabalho brasileiro surgiram ao final do Século XIX, época essa que a maioria da população feminina era operária e trabalhava fora de casa, inclusive durante a primeira metade do Século XX, com o advento das Grandes Guerras, as mulheres assumiram trabalhos na esfera pública. No entanto, houve um retrocesso no que diz respeito ao trabalho fora do lar.

Ao executarem a supervisão e as atividades do trabalho doméstico, as mulheres passaram grande parte do tempo, confinadas ao espaço da individualidade e da vida privada [...] O ideal de maternidade e de concepções ligadas ao lar não se ateve somente aos aspectos familiares, como também colaborou para a formação de um princípio pedagógico que se estendeu aos primeiros registros de profissões ocupadas pelas mulheres no Brasil.[...] (SILVA & MENEGAT, 2016)

De modo que profissões que envolvessem o assistencialismo e a área educacional, eram consideradas tipicamente femininas, pois, de certa forma estavam ligadas aos papéis maternos de cuidados.

Para as autoras supracitadas, as representações geradas pela sociedade não condizem com a natureza dos gêneros, são socialmente construídas e geram sentidos equivocados às vidas das mulheres ao atribuírem sentido social. A divisão dos trabalhos é baseada na divisão entre os sexos, de forma biológica, e então transferida para o âmbito cultural e de valores. E mesmo com uma maior participação no mercado de trabalho, para as mulheres, não houve uma atenuação nas representações que as mantinham presas no espaço privado do lar.

Esse cenário começou a se fragilizar e mostrar rupturas com o movimento feminista dos anos 1960, no Brasil, quando houveram os primeiros estudos feitos por mulheres cientistas sobre as próprias mulheres, tendo como objetivo as condições das trabalhadoras mais carentes, situação salarial, vivências no ambiente de trabalho e inferiorização em cargos de chefia (SILVA e MENEGAT, 2004).

No entanto, para Silva (2000), foi na década seguinte, 1970, que se formaram os primeiros movimentos sociais femininos, com reivindicações junto ao Estado por melhores salários, melhores condições de vida e mais creches, já que a maioria precisava trabalhar fora, mas não tinham com quem deixar seus filhos, tais reivindicações marcaram mudanças na mentalidade de parte da sociedade.

Para Gohn (2008) movimentos sociais são a expressão de uma ação coletiva, seja ela sociopolítica, cultural ou econômica. Sader (1988) argumenta que é na perspectiva coletiva que pessoas excluídas marcam sua presença na sociedade, onde manifestam seus interesses e direitos, e dessa forma, são conduzidos a participar de acontecimentos históricos.

Novos sujeitos, organizados em movimentos sociais, questionam a posição ocupada por diferentes pessoas na sociedade ao longo da história, fortemente

marcada pela invisibilidade de mulheres, negras e pobres (SILVA e MENEGAT, 2016)

Para Silva (2000) os movimentos sociais abrangem realidades diversas, de modo que o movimento feminista sempre atua quando identifica situações de opressão e abrange questões como meio ambiente, qualidade de vida, cultura patriarcal, desigualdade de gênero e paradigmas sociais. No entanto, Silva (2000) aponta que a crise econômica e o desemprego, gerador de descrença por parte da população, são fatores que podem afetar a mobilização das mulheres, já que as relações sociais ainda são marcadas pelas relações entre os sexos, mesmo com elas inseridas no mercado de trabalho.

A partir das décadas subsequentes, como diz Silva e Menegat (2004), e com pesquisas voltadas para as questões de gênero, as mulheres foram integradas às questões sociais, políticas, históricas e fazendo parte de movimentos que consolidavam a luta pela igualdade de gêneros.

Silva e Menegat (2016) argumentam que conceito de gênero é recente na historiografia, pois, surgiu nos anos de 1980, em um momento marcado pela tentativa de ampliar temáticas e corpo teórico acerca de movimentos político-sociais, principalmente, o movimento feminista; trazendo para o centro dos debates questões que se referiam às práticas dominadoras e discriminatórias, baseadas na natureza dos corpos.

Para Scott (1995) o conceito de gênero surgiu como questionamento para a identidade previamente construída para as mulheres, a partir de características biológicas, enquanto que para Butler (2003) as questões de gênero são ressaltadas para significados culturais assumidos pelo sexo.

Para Silva e Menegat (2004), as mulheres durante muito tempo foram somente consideradas parte da dimensão privada, do lar, como mães e responsáveis pela educação dos filhos, dessa forma as mulheres foram esquecidas como formadoras do tecido social, ao serem imaginadas e representadas, a invés de serem problematizadas. Era considerado o destino natural das mulheres, casarem, serem mães e exercer papéis tradicionais de ocupações domésticas.

Para Silva (2000) ao emergir do espaço privado do seu lar para reivindicar seus direitos na esfera pública, a mulher tornou-se visível socialmente. Segundo a mesma autora, as mulheres atuam no mundo da subjetividade, e estabelecem uma conexão entre a subjetividade do cotidiano e a cidadania.

A mesma autora aponta que algumas pesquisas mostram que o caráter relacional entre os sexos é construído socialmente a partir de relações de poder e conseqüentemente apresentam hierarquias que conduzem à desigualdade social, portanto, não basta estudar apenas as mulheres, é preciso estudar as relações sociais entre os gêneros.

Nos anos 1990, houve um aumento no desemprego, o que acarretou um aumento no número de empregos informais, afetando de forma mais forte as mulheres, nesse cenário, a atividade da catação surge para elas como uma alternativa ante ao desemprego e a falta de opções e oportunidades no mercado formal de trabalho. Essa situação reforça a ideia que a falta de perspectiva e qualificação profissional, direciona essas mulheres para essa área do mercado de trabalho que é caracterizado por baixos salários, instabilidade e invisibilidade social, sobretudo as pobres e negras (SILVA e MENEGAT, 2004).

Segundo Silva e Menegat (2004) as mulheres que fazem parte do contexto do trabalho com materiais recicláveis, considerado masculino e desprestigiado por estar ligado ao trabalho braçal, se mostram como sujeitos múltiplos e transpassados por ações de resistências a um modelo padrão de feminilidade, ditado por estereótipos heterossexuais, brancos, de classe média e escolaridade completa sendo inseridos no mercado de trabalho bem remunerado.

Para Carneiro (2003) a diversificação das concepções práticas e políticas que a ótica das mulheres dos grupos subalternizados introduz no feminismo é o resultado de um processo dialético, que, se de um lado, promove a afirmação das mulheres em geral como novos sujeitos políticos, de outro exige reconhecimento da diversidade e desigualdades que existem entre essas mesmas mulheres.

Segundo uma matéria publicada pelo programa CATAFORTE do Governo Federal, as mulheres são protagonistas em muitas frentes de trabalho e no trabalho com a catação de materiais recicláveis, no Brasil, são maioria (BAHIA, 2016). Dados

divulgados pelo MNCR – Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis, em 2013, o universo dos catadores é 70% formado por mulheres, passando de 700 mil (ROSA, 2014).

Silva e Menegat (2004) argumentam que diante de toda a discussão de gênero, pode-se falar em mulheres que rompem com a lógica binária dos sexos, ao apontar novas formas de serem mulheres no contexto do mercado de trabalho, demonstrando que seus corpos considerados frágeis se apresentam, agora, como fortes, tanto fisicamente quanto psicologicamente, fortes para o trabalho com materiais recicláveis e ainda redefinem os papéis sociais de gêneros.

Entre os catadores de 14 estados brasileiros, as mulheres se apresentam como maioria e desmitificam o mito de sexo frágil, atuando em todos os setores do trabalho, não é por acaso que as mulheres se tornam catadoras, a maioria delas apresentam baixa escolaridade e, na maioria das vezes, uma família para sustentar, esse cenário faz com que a catação torne-se a opção mais viável (BAHIA, 2016) Essa quantidade de mulheres catadoras, representa uma inversão da divisão de trabalho para a sociedade, pois hierarquicamente, elas ocupam cargos de liderança,

Para Silva e Menegat (2004) as mulheres catadoras negam uma construção social que ainda hoje produz representações frágeis e dóceis, como sinônimo de feminino. Para Rosa (2014), as mulheres catadoras viram nesse universo um modo de sustentar a família, de se reinventar e de dar um novo significado às suas vidas, frente ao desemprego.

Conforme Carvalho (1998) as mulheres chefes de família sofrem com uma sobrecarga de responsabilidades que as direcionam para trabalhos informais e mal remunerados, deixando-as em situação de vulnerabilidade socioeconômica que afeta toda a família.

Segundo Rosa (2014), as catadoras constroem sua própria identidade, não a partir de produtos que são consumidos, mas por meio de produtos que não se tem acesso. Tais produtos são usados pela sociedade para se definir um estilo de vida e na maioria das vezes é esse estilo que defini a identidade de uma pessoa.

No entanto, a classe mais baixa que não tem acesso a esses bens são os que menos têm a oportunidade de criarem sua identidade social. Situação essa agravada quando a questão do gênero se faz presente, pois, na maioria das vezes a identidade da mulher se constrói na sombra do homem, além de que a mulher tem menos chance de se realizar profissionalmente.

2.5 Educação Ambiental

A educação ambiental surgiu nos anos de 1940, durante um encontro da União Internacional para a Conservação da Natureza em Paris, que se perpetuou pela Conferência de Estocolmo nos anos 70 e se estabeleceu durante a Conferência de Belgrado, em 1975 (JACOBI, 2005).

No entanto, mais que um termo genérico cunhado em encontros e conferências sobre a natureza, a educação ambiental é a chave para mudança social, quebra de paradigmas e reinvenção de valores. Para Jacobi (2000) a educação ambiental é situada em um contexto de educação para a cidadania e importante para que o “sujeito cidadão” seja consolidado, fazendo-se como um instrumento de conscientização para os cidadãos.

Este processo de educação ambiental, como afirma Reigota (1998) e Leff (2001), deve ser capaz de gerar um pensamento crítico, criativo e que tenha a intenção de sugerir novas políticas e respostas no futuro, com propostas pedagógicas centradas na conscientização e mudança de comportamentos.

Como afirma Carvalho (2004), a educação voltada para a questão ambiental pretende transformar a sociedade. Transformar, de modo que através desta educação voltada para o ambiente em que estamos inseridos, o indivíduo tenha a consciência e a capacidade de exercer suas escolhas e decisões políticas, bem como ter sua dignidade social assegurada, implicando em uma autonomia e liberdade responsável (JACOBI, 2005).

Os autores Vigotsky (1991) e Jacobi (2005) afirmam que a educação ambiental assume de uma maneira crescente a forma ativa de um processo intelectual e aprendizado social, com base em diálogos e interações, onde os

cidadãos desenvolvem ações sociais integradoras, consciência para a conservação do meio ambiente, justiça social e solidariedade.

Como argumenta Silva e Leite (2008) a percepção ambiental é uma das principais estratégias para se atingir os objetivos da educação ambiental, pois, a partir dela pode-se planejar ações visando atingir mudanças na sociedade.

Ao se pensar em resoluções para a reparação de problemas ambientais há que se levar em consideração que essa problemática não é homogênea e que as soluções podem se basear em conceitos distintos (HOEFELL *et al.* 2004).

2.6 Percepção Ambiental

Para Brandalise (2009) a percepção é uma interpretação da realidade que pode mudar de pessoa para pessoa, sendo assim, os níveis de instrução e experiência podem influenciar no resultado final. Souza e Leite (2008) argumentam que uma má interpretação da realidade pode promover a insustentabilidade dos recursos ambientais, frente ao seu mau uso.

A percepção ambiental pode ser utilizada para se fazer uma análise das problemáticas que envolvem a questão ambiental e suas variáveis relacionadas (ARAUJO, 2014). Para Zampieron *et al.* (2003) o estudo da percepção ambiental melhora a compreensão das inter-relações entre os seres humanos e o ambiente, seus julgamentos, condutas e expectativas.

O estudo da percepção ambiental é de fundamental importância para que se possa compreender melhor as inter-relações do Homem com o ambiente, suas expectativas, satisfações e insatisfações, julgamentos e condutas. (JÚNIOR, 2004)

Segundo Rosa e Silva (2002) a percepção ambiental pode ser compreendida pela forma como os indivíduos compreendem o meio ambiente levando-se em consideração a ideologia de cada sociedade, gerando respostas que são resultados das percepções individuais e coletivas de cada pessoa.

Para Júnior (2004) a percepção do meio ambiente é a resposta dos sentidos humanos aos estímulos ambientais pela percepção sensorial e à atividade cerebral da percepção cognitiva ao ambiente. Tuan (1980) afirma que este tipo de percepção

levanta dados para que o indivíduo compreenda o que está em seu entorno, dessa forma, estabelecendo relações com o meio.

Para Melazo (2005) a percepção ambiental é um processo participativo que envolve processos sensoriais e valores sociais e ambientais em relação ao ambiente, não só natural quanto modificado. A percepção construída coletivamente pode representar um importante ponto de partida para reverter ou controlar os riscos ambientais, de modo que a percepção ambiental dos cidadãos deve ser considerada uma fonte ou um parâmetro de indicador de qualidade ambiental. (DAGNINO & JÚNIOR, 2007).

Os estudos que utilizam a percepção ambiental visam investigar a forma como o ser humano enxerga, interpreta, convive e se adapta à realidade do meio em que vive, principalmente, no que diz respeito a ambientes instáveis ou vulneráveis socialmente e naturalmente (OKAMOTO, 1996).

3. METODOLOGIA

3.1 Local de Estudo

O presente estudo desenvolveu-se no município de João Pessoa, situado na região leste do estado da Paraíba. Em termos geográficos, a cidade de João Pessoa limita-se ao norte com o município de Cabedelo, ao sul com a cidade do Conde e ao oeste com os municípios de Santa Rita e Bayeux.

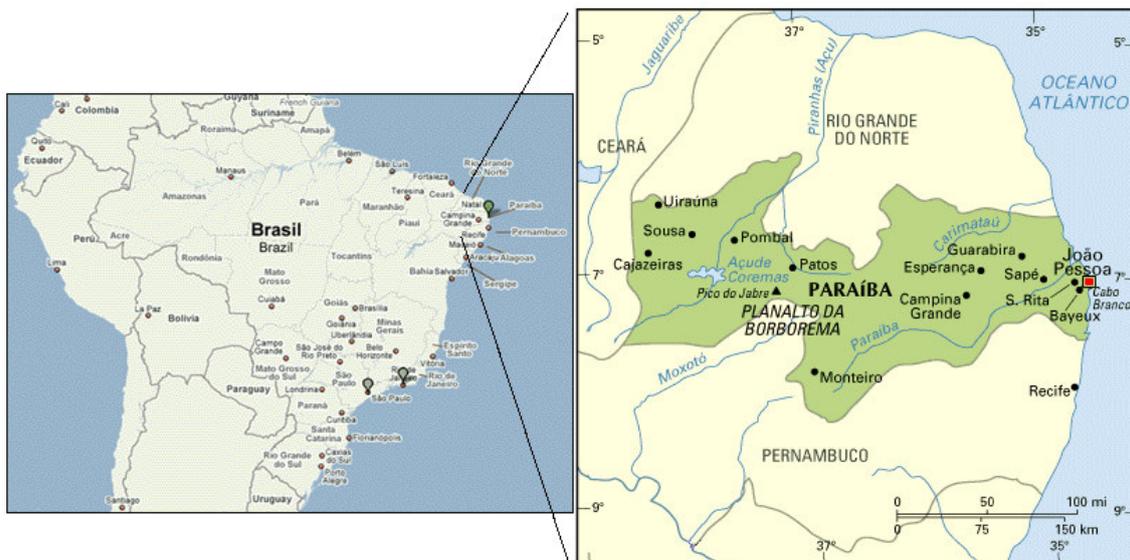


Figura 1. Mapa da localização da cidade de João Pessoa – Paraíba. Fonte: www.de.ufpb.br/cbsf2014.

A cidade de João Pessoa possui aproximadamente 801.718 mil habitantes, segundo a estimativa populacional realizada pelo IBGE (2016), comparando-se com o ano de 2015, houve um aumento populacional de 10.280 habitantes, distribuídos ao longo dos 211,5 Km² (IBGE – 2015). O estado da Paraíba, até o ano de 2014, produzia por dia 2.989 toneladas de resíduos sólidos urbanos, sendo 0,758 por pessoa (ABRELPE, 2014).

Até o ano de 2003 o destino final destes resíduos, em João Pessoa, era um lixão a céu aberto, mais conhecido como Lixão do Roger no bairro do Roger, foi fundado em 1958 com a intenção de funcionar apenas três anos, no entanto, só foi fechado 45 anos depois (MEDEIROS *et. al* 2015). Em seu lugar foi criado um aterro sanitário², que desde então recebe os resíduos que não vão para a reciclagem. Os antigos catadores que viviam de materiais retirados do lixão foram realocados para uma associação chamada ASTRAMARE – Associação dos Trabalhadores de Material Reciclável (GONÇALVES, 2014).

No ano de 2007, a Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP) conjuntamente com a autarquia EMLUR – Empresa Municipal de Limpeza Urbana criaram um programa de coleta seletiva denominado de Acordo Verde que

² O aterro sanitário metropolitano de João Pessoa visa atender as demandas de lixo geradas pelos municípios de João Pessoa, Bayeux, Cabedelo, Conde, Pitimbu e Santa Rita, foi criado para substituir o antigo lixão de João Pessoa, conhecido como Lixão do Roger. Este aterro utiliza um sistema de tratamento do lixo que visa a diminuição do impacto ao meio ambiente. Fonte: <http://tributacaoambiental.blogspot.com.br/2011/03/aterro-sanitario.html>

estabeleceu um acordo entre a população e os antigos catadores de lixo, agora chamados de agentes ambientais, tal acordo visa que a população separe seu lixo doméstico em materiais recicláveis e lixo comum para que os agentes ambientais possam recolhê-los em dias pré-estabelecidos de coleta seletiva (BECK, 2009).

Atualmente, o Acordo Verde conta com cinco núcleos de coleta seletiva, nos bairros de Cabo Branco, Bessa, 13 de Maio, Jardim Cidade Universitária e Mangabeira, no entanto, este projeto não atende toda a cidade, mas apenas um total de quatro bairros da Zona Sul (JOÃO PESSOA, 2016).

Entretanto, ainda há inúmeras associações e cooperativas de catadores de materiais recicláveis, em João Pessoa, que não contam com apoio algum da PMJP, ou de qualquer outra instituição pública governamental.

Como é o caso da Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis do Vale das Palmeiras, conhecida como ACATAVALE, que se localiza no bairro do Cristo Redentor. O conjunto habitacional do Vale das Palmeiras foi uma realização da PMJP, o qual beneficiou cerca de 856 famílias que viviam em situação de alto risco e vulnerabilidade nas comunidades do Vale das Palmeiras, comunidade Trapiche e comunidade do 'S'; esse projeto contou, ainda, com a construção de um Centro de Referência em Educação Infantil (CREI), responsável por atender cerca de 60 crianças de variadas faixas etária.

ACATAVALE – Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis do Vale das Palmeiras



Figura 2. Galpão onde são armazenados os produtos separados para a venda na Associação dos catadores do Vale das Palmeiras (ACATAVALE), localizado no bairro do Cristo Redentor em João Pessoa – Paraíba. Fonte: Rocha, N. R. O.

A ACATAVALE, atualmente conta com 15 catadores associados, em sua maioria mulheres, todos em diferentes faixas etária, e moradores do conjunto habitacional Vale das Palmeiras. A associação conta com um galpão (Figura 2) próprio que é utilizado para o armazenamento dos materiais já separados e prontos para a venda. Externo ao galpão existe um espaço aberto, dividido em quinze espaços individuais (Figura 3), os quais são utilizados para a triagem dos materiais recicláveis coletados.



Figura 3. Espaço externo da ACATAVALE, utilizado para o armazenamento e triagem dos materiais recicláveis coletados durante a jornada de trabalho. Fonte: Rocha, N. R. O.

3.2 Método Qualitativo

O método qualitativo surgiu, para os estudos de causas sociais, na segunda metade do século XIX. O sociólogo Frédéric Le Play, na França, realizou uma das primeiras pesquisas neste sentido, o mesmo observou de forma direta a classe trabalhadora europeia; Já na Inglaterra o pesquisador Harry Mayhew publicou diversos trabalhos que se apoiaram nas metodologias de história de vida e entrevistas, para documentar as condições de pobreza da classe trabalhadora. Por volta da década de 1930, foi publicada a primeira obra sobre os aspectos metodológicos qualitativos para as ciências sociais e políticas, os autores foram Beatrice e Sidney Webb. Atualmente, método qualitativo é largamente utilizado em diversas ciências (GODOY, 1995).

A pesquisa qualitativa é um método descritivo, no qual a escrita tem lugar de destaque na disseminação de resultados e na obtenção de dados, onde esses dados podem assumir diversas formas, transcrições de entrevistas e anotações de campo, fotografias, vídeos, documentos e tantos outros. O método qualitativo considera importante todos os aspectos da realidade, do ambiente em que a pesquisa ocorre e das pessoas e grupos alvos do estudo, seus sentimentos, pensamentos e ações (GODOY, 1995).

Para esta pesquisa foram utilizados dois métodos qualitativos em conjunto, a observação participante e a entrevista semi-estruturada, tais métodos serão adotados para que os dados sejam coletados na maior quantidade possível, em um curto período de tempo.

Foram realizadas, ao longo da semana, visitas diárias à ACATAVALE, no período de Outubro a Dezembro de 2016, com um total de 30 visitas, onde todos os comportamentos, ações e reações dos associados serão observados, bem como, serão feitos registros de fotos do bairro, do ambiente de trabalho e documentos referentes à associação. As entrevistas semi-estruturadas foram realizadas pessoalmente, no decorrer das visitas à associação e ocorrerão com quatorze catadores os quais totalizam o número de associados.

3.2.1 Observação Participante

A observação participante tem origem na antropologia e sociologia, quando Malinowski, um antropólogo polaco, passou a conviver longos períodos com o seu objeto de estudo, integrando-se com a cultura, língua e ações cotidianas, enquanto realizava suas observações; foi a antropologia que introduziu o pesquisador como peça chave no universo da pesquisa, tornando-o um agente e instrumento de coleta, dando origem ao trabalho de campo, no final do século XIX (SERVE & JUNIOR, 1995).

A pesquisa qualitativa utiliza este método para a coleta de dados, nas quais há uma relação de reconhecimento entre o pesquisador e o grupo estudado, fazendo com que os indivíduos se sintam mais a vontade em compartilhar papéis, comportamentos e hábitos com o pesquisador, em seu cenário natural, o que não ocorreria com um completo desconhecido (HOLLOWAY & WHEELER, 1996; MARTINS, 2004). Além de que, a observação participante dá prioridade à experiência pessoal vivida em campo (SERVA & JUNIOR, 1995).

Um dos propósitos da observação participante é que a convivência com o grupo estudado crie uma condição favorável e mais acessível para observação e a consequente coleta de dados. Desta forma, os dados observados devem ser descritos de modo objetivo, onde o resultado seja um texto etnográfico e científico (MARTINS, 2004).

Para Beck (1994), o pesquisador coleta dados participando do grupo ou de uma organização, observando comportamentos e situações cotidianas dos envolvidos. Neste trabalho, o conceito usado para o pesquisador será o de participante observador, definido por Lima *et. al* (1999), como: o pesquisador que estabelece com o grupo estudado uma relação mais profunda do que apenas um trabalho de campo, através de uma observação informal das rotinas cotidianas e vivências de situações consideradas importantes.

3.2.2 Entrevista Semi-Estruturada

A entrevista é um método de interação social, no qual o entrevistador/pesquisador obtém informações do entrevistado, através de um roteiro programado em torno de uma problemática (HAGUETTE, 1995), sendo a obtenção

de informações individualmente privilegiada, onde se revelam condições estruturais de um grupo, seus sistemas de valores, símbolos e normas (MINAYO, 1995).

Esse tipo de metodologia se apresenta de quatro formas principais, entrevista estruturada, entrevista semi-estruturada, entrevista parcialmente estruturada e entrevista não estruturada.

A entrevista estruturada se apresenta como uma série de perguntas mais rígidas, onde não há a possibilidade de outros questionamentos serem desenvolvidos. A entrevista semi-estruturada apresenta como característica principal uma série de perguntas abertas, onde o entrevistador pode acrescentar algumas questões para esclarecimento e ainda mudar a ordem das mesmas, para que o método se adapte às condições específicas da entrevista. A entrevista parcialmente estruturada assemelha-se à semi-estruturada, no entanto, nesta modalidade perguntas podem ser retiradas, acrescentadas de modo improvisado e tem seu tema particularizado. A entrevista não estruturada apoia-se em um ou mais temas, com apenas perguntas iniciais previamente escolhidas, deixando a cargo do entrevistador e das respostas do entrevistado as outras perguntas (SIMAN, 1999).

Para este trabalho a modalidade escolhida foi a da entrevista semi-estruturada, pois, a mesma permite que haja mais esclarecimentos sobre o tema e perguntas previamente escolhidos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No ano de sua criação, 2013, a “ACATAVALE - Associação de Catadores do Vale das Palmeiras” contava com 32 catadores associados e nenhuma estrutura básica que desse suporte para a separação e armazenamentos dos materiais coletados. Três anos depois, a associação conta, com apenas, 14 catadores, que permaneceram desde a sua fundação; uma sede própria que conta com um galpão para o armazenamento dos materiais separados (Figura 4) e espaços individuais para que cada catador separe os materiais (Figura 5).



Figura 4. Galpão sede da ACATAVALE, local utilizado para o armazenamento dos materiais separados, reuniões e aulas de alfabetização do projeto Sal da Terra. Fonte: ROCHA, N.R.O.

Os 14 catadores responderam um questionário socioeconômico para que seu perfil socioeconômico pudesse ser traçado. Além disso, foram submetidos a uma entrevista para que a percepção sobre sua própria vulnerabilidade pudesse ser avaliada, no entanto, apenas 12 catadores responderam à entrevista. A rotina da associação foi descrita através de observação direta, realizada pela pesquisadora. Todas essas informações coletadas compõem o resultado final do estudo.

Mesmo tendo sede própria, as condições e as instalações do trabalho são precárias. O galpão não possui energia elétrica, nem água encanada, conta um

banheiro inutilizável (Figura 7) e salas lotadas de entulhos que atraem diversos animais perigosos, como escorpiões, aranhas, cobras e ratos. Situação encontrada comumente em diversas cooperativas e lixões.



Figura 5. Terrenos individuais que cada catador utiliza para a segregação dos materiais recicláveis coletados. Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora Nathalia Oliveira.

Todos os catadores residem no Conjunto habitacional Vale das Palmeiras, localizado no bairro do Cristo Redentor, zona urbana de João Pessoa, e habitam apartamentos próprios (Figura 6) que contam com seis cômodos (sala, dois quartos, cozinha, banheiro e área de serviço), água encanada, energia elétrica, sistema de esgotamento sanitário e caixa d'água. Essa situação de moradia própria foi observada por Ribeiro (2001), em um estudo feito na cidade de Campina Grande com os catadores da ARENSA – Associação dos Recicladores de Nossa Senhora Aparecida, onde 90% dos catadores possuem residência própria.



Figura 6. Vista externa dos apartamentos do Conjunto Habitacional Vale das Palmeiras.
 Fonte: ROCHA, N.R.O..

A associação é composta por oito mulheres, com faixa etária entre 21 e 61 anos (57,14%), e seis homens com idades entre 29 e 56 anos (42,85%); de modo geral, a faixa etária dos catadores mostrava-se variada, indo dos 21 aos 61 anos de idade, nenhum deles antes da ACATAVALE, participava de uma associação ou cooperativa.

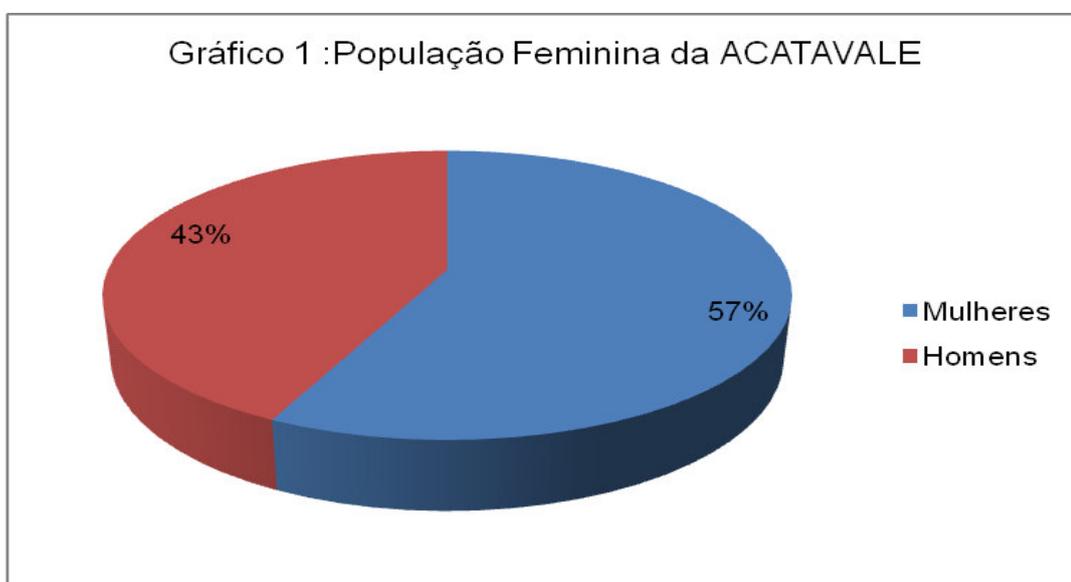


Figura 7. Gráfico da representatividade do gênero feminino na ACATAVALE - Associação de Catadores de Materiais Recicláveis do Vale das Palmeiras

O alto número de mulheres na catação, sendo maioria nas associações, foi observado pelos trabalhos de Braz et. al (2014), Gonçalves (2013), Ribeiro (2011), Mota (2013) e Teixeira (2015). Neste último, foi observada a porcentagem de 86,4% de mulheres na ACAMARE – Associação dos Trabalhadores da Usina de Triagem e

Reciclagem de Viçosa, localizada em Viçosa, Minas Gerais. Segundo dados publicados pelo MNCR, as mulheres compõem 70% da população de catadoras no Brasil. Para Ribeiro (2001), este fato reflete a sociedade contemporânea e o desejo das mulheres de serem livres e independentes, além de representar um aumento de renda, já que em sua maioria são responsáveis pela família, coisa que como empregadas domésticas, diaristas ou agricultoras não poderia acontecer.

Em um trabalho realizado por Kirchner *et. al* (2009) com catadores de materiais recicláveis em uma pequena cidade do Rio Grande do Sul, foi constatado uma faixa etária de 25 a 65 anos, tendo predominância de sujeitos entre 30 e 60 anos, assim como os da ACATAVALE. Porto *et. al* (2004) afirma que apesar da população de catadores, geralmente, ser formada por adultos jovens, há uma elasticidade na distribuição de idades.

Kirchner (2009) dialoga que na atual conjuntura econômica do Brasil, a idade é um dos fatores que afetam a participação dos cidadãos no mercado de trabalho, que por sua vez seria mais favorável à admissão de jovens, sendo que na catação o fator idade não exerce influência, uma vez que não há critérios de seleção para a função catador. A idade, então, torna-se um fator excludente (OBADOWSKI *et. al* 2014).

Com relação à naturalidade dos membros da ACATAVALE, nove deles nasceram na Grande João Pessoa (64,28%), entre João Pessoa e Bayeux, apenas um deles nasceu em Campina Grande e outros quatro nasceram em outros estados (28,57%), como Ceará e Pernambuco. Dentre os associados, treze deles nasceram na zona urbana (92,85%) e apenas um na zona rural, sendo que mais da metade nunca trabalhou na zona rural (85,71%), os que dois que trabalharam na zona rural, desempenhavam a função de feirante. Onze deles afirmaram ser negros (42,85%) ou pardos (35,71%), apenas três classificaram-se como brancos ou amarelos. Fato observado em Teixeira (2015), onde 81,8% dos associados da ACAMARE se classificaram como negros.

Em relação ao estado civil, de quatorze, quase a totalidade deles afirmaram ser solteiros (85,71%). As mulheres representam um número expressivo com relação à chefia familiar, das doze pessoas que afirmaram ser chefes de família, sete delas são mulheres (58,33), todos eles possuem filhos, no mínimo um e no máximo dez, no entanto, a maioria possui apenas dois filhos (71,42%).

Em um trabalho realizado por Silva e Menegat (2016) com mulheres associadas à ARPE – Associação de Reciclagem Presidente Epitácio, em São Paulo, mostrou que a maior motivação para que as mulheres se tornassem catadoras foi o sustento dos filhos e da família, onde todas as catadoras eram chefes de família. As autoras apontam que o fato de não haverem oportunidades de emprego suficientes, as atividades de menor prestígio social e remuneração, se tornaram necessárias para seu sustento.

A maior parte dos catadores da ACATAVALE reside com um número de pessoas que vai de duas a nove, sendo que em nenhum núcleo familiar existe maiores de 60 anos, em nove famílias há menores de 18 anos, em sete famílias os menores de idade estão entre sete e quatorze anos, e apenas três desses menores não frequentam a escola. Na maioria dos núcleos familiares, apenas uma pessoa trabalha (42,85%), em cinco famílias duas pessoas trabalham e em três famílias três pessoas trabalham 35,71% e 21,42%, respectivamente. De todos esses que trabalham, um é menor de 16 anos. Algumas famílias possuem mais de um catador trabalhando na ACATAVALE, como casais, mãe e filhos, irmãs, tia e sobrinha.

O alto número de pessoas por núcleo familiar, segundo Ribeiro (2001) enfatiza as condições financeiras precárias que, comumente, os catadores se encontram, onde a renda mensal não ultrapassa um salário mínimo, por conseguinte esse baixo rendimento mensal não permite melhores condições de saúde, educação, lazer e qualidade de vida.

Antes de terem se tornado apenas catadores, embora dois deles serem catadores desde que começaram a trabalhar, todos eles desempenharam outras funções, como empregada doméstica (14,28%), feirante (35,71%), pedreiro (14,28%), servente geral, diarista e fretista (7,14%), no entanto, nove deles nunca tiveram carteira assinada (64,28%).

Essas profissões são, comumente, desempenhadas pelos catadores antes da reciclagem, foram encontradas nos trabalhos de Gonçalves (2013) com catadores do Lixão de Ipameri, localizado em Goiás e no trabalho de Ribeiro (2001) desenvolvido com catadores de Campina Grande na Paraíba. Essas ocupações expressam o baixo nível de escolaridade encontrado entre os catadores.

Os catadores da ACATAVALE que tiveram acesso à educação correspondem a 78,57% dos questionados (Figura 8.), ou seja, onze dos quatorze

catadores já frequentaram a escola, no entanto, apenas três sabem ler ou escrever (21,42%) e apenas dois chegaram ao ensino médio, um ao ensino fundamental II, e onze chegaram apenas ao fundamental I (75,57%). Mais da metade deles diz que gostaria de voltar a estudar, e que pararam por questões de família, de trabalho e perda de interesse pelo estudo. Quando perguntados se gostariam de fazer algum curso ou capacitação, dez deles responderam que sim, as respostas variaram entre cursos na área da reciclagem e cooperativismo, do artesanato, de direito e informática.

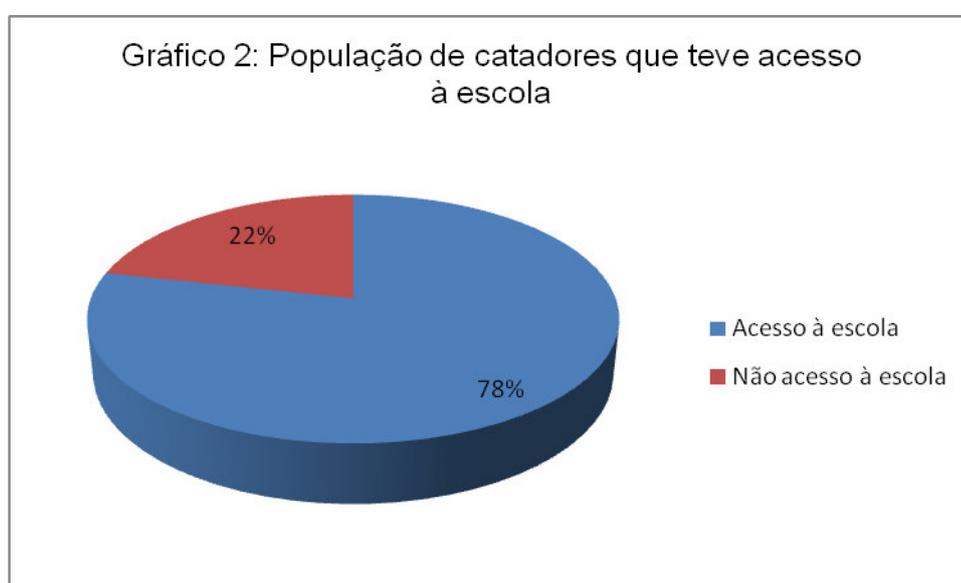


Figura 8. Gráfico dos catadores da ACATAVALE que tiveram acesso à escola. Fonte: autora (2016)

Situação semelhante foi encontrada nos trabalhos de Kirchner (2009), onde 24% dos catadores não eram alfabetizados e 72% possuíam o ensino fundamental I incompleto; Teixeira (2015), Braz *et. al* (2014), Bosi (2008), Martins (2007), Silva (2002). Obadowski *et. al* (2014) em um trabalho desenvolvido em Pelotas no Rio Grande do Sul, com catadores da Cooperativa de Trabalho dos Agentes Ambientais do FRAGET – COOTAFRA, verificou que 88% dos cooperados não possuíam o ensino fundamental completo, segundo Obadowski *et. al* (2014), o baixo nível de escolaridade constitui um fator excludente para o mercado de trabalho e que aqueles que possuem baixo nível de escolaridade se encontram em situação econômica frágil, realizando trabalhos informais, justamente, devido a exclusão do mercado de trabalho, uma vez que a situação econômica atual prioriza a mão de obra qualificada e jovem.

Para Almeida (2009) a baixa escolaridade aliada a falta de qualificação, as oportunidades de emprego ficam limitadas, o que leva ao desemprego, razão pela qual os catadores retiram seu sustento dos materiais recicláveis.



Figura 9. Banheiro instalado no galpão da ACATAVALE, não possui água encanada ou energia elétrica, é utilizado de forma precária pelos associados e pelos alunos do Projeto Sal da Terra. Fonte: ROCHA, N. R.O.

Carvalho (2008) argumenta que a procura pela catação é uma medida de sobrevivência, pois, no atual campo competitivo as pessoas com baixa escolaridade não tem condições de concorrer a uma oportunidade no mercado de trabalho, fato encontrado em uma pesquisa publicada por Silva (2002) onde os maiores níveis de desemprego foram observados entre os sujeitos com menor grau de escolaridade, e como não conseguem qualificação devido à baixa escolaridade, veem nessa ocupação uma estratégia de sobrevivência (MOTA *et. al* 2013).

Tratando-se da renda familiar mensal, 64,28% vivem com salários entre 300 e 750 reais por mês, desses nove, três tem renda entre 300 e 450 reais, outros três entre 450 e 600 reais e três entre 600 e 750. Apenas uma família vive com renda de 150 reais e apenas duas famílias vivem com mais de 750 reais. Dos quatro que responderam sobre a renda individual mensal, dois recebem até 150 reais, os outros

dois tem renda entre 300 e 600 reais. Sobre benefícios do governo, doze catadores recebem contribuição do programa Bolsa Família, desses doze, dois recebem pensão ou aposentadoria; apenas dois catadores não recebem benefício algum.

Em seu trabalho sobre os catadores de Campina Grande/PB, Ribeiro (2001) argumenta que a renda obtida está relacionada com o quanto se coleta, com a jornada de trabalho de longos quilômetros, sendo acompanhada de uma má alimentação, sem equipamentos de proteção, com meios de transporte inadequados e muitas horas fora de casa.

As jornadas de coletas dos associados da ACATAVALE vão de três a todos os dias na semana, de cinco a oito horas por dia (78,57%), chegando até quinze horas diárias (21,42%); a forma de transportar os materiais coletados é com um carro de mão feito de carcaça de geladeira (Figura 8), nos quais eles chegam a carregar até 40 quilos por dia e percorrer até 15 quilômetros diários. Apenas metade deles usa equipamentos de proteção, como: boné, casaco, bota e luva.

Longas jornadas de trabalho são comuns na ocupação de catador, afinal, a renda é proporcional à quantidade de material coletado, para isso, os catadores tem que percorrer longas distâncias para coletar uma boa quantidade de materiais recicláveis. Fato observado em outros catadores da Paraíba, no trabalho de Ribeiro (2001), onde estima-se jornadas de trabalhos de até 12 horas por dia, com uma exausta rotina de puxar carrinhos de tração humana e percorrendo dezenas de quilômetros. Em Obadowski (2014) foi observado que a maioria dos catadores possuem uma jornada de trabalho que vai de 5 a 7 dias por semana.

Diante de um trabalho tão exaustivo e não valorizado pela sociedade, a principal motivação para que uma pessoa se torne catador é a necessidade de sobrevivência. Em Kirchner (2009), metade dos catadores entrevistados, afirmaram catar por sobrevivência e por falta de oportunidades de outros empregos, esta última opção foi vista em Gonçalves (2013), Neto (2007) e Cavalcante e Franco (2007) como sendo a razão de 100% dos catadores terem recorrido à catação de material reciclável como fonte de renda e sustento dos filhos.

A renda mensal abaixo de um salário mínimo é largamente observada entre os catadores de materiais recicláveis, devido ao baixo valor de mercado dos materiais. Além disso, as pesquisas de Obadowski et. al (2014), Kirchner (2009), Martins (2007), Ferreira et. al (2006), Teixeira (2015), Braz et. al (2014) e Ribeiro (2001), dialogam que a baixa renda mensal é um reflexo da baixa escolaridade, falta

de qualificação e faixa etária, fatores altamente excludentes no mercado de trabalho, ainda mais se estiverem aliados; a baixa escolaridade leva a uma não qualificação e, por conseguinte a falta de oportunidades no mercado.

Atualmente, dez associados (71,42%) não trabalham com outra atividade que não seja a reciclagem, os que trabalham (28,57%) desempenham funções como diarista, artesão, pedreiro e faxineira, porém, nenhum deles com carteira assinada. Situação observada nos trabalhos de Kirchner (2009), Braz *et. al* (2014) e Teixeira (2015). Eles, também, foram perguntados sobre a catação em si, nenhum deles é catador a menos de 3 anos, cinco deles são catadores há mais de vinte anos (35,71%), a maior parte deles é catador de 5 a quinze anos (64,28%).

Os catadores foram perguntados sobre deficiências físicas e mentais na família, apenas um afirmou que possui um deficiente físico na família, sendo este deficiente visual. Foram registrados dois deficientes mentais, que inclusive são catadores. Sobre dependência química, 50% afirmaram que possuem dependentes nas famílias, ao álcool e ao cigarro. Mais da metade dos questionados, afirmaram possuir problemas crônicos de saúde, tais como reumatismos, problemas cardíacos, do sistema nervoso e problemas mentais; quatro (28,57%) afirmaram não sofrer de nenhum problema crônico e dois disseram não saber. Apenas dois deles sofrem de alguma deficiência, a mental. Dos doze catadores que responderam sobre vacinação, 66,66% responderam que tiveram acesso à vacinas nos últimos anos, tais como vacinas para gripe, hepatite, tétano e hanseníase.

Quanto à relação deles com o movimento dos catadores, apenas quatro deles haviam participado de algum tipo de encontro ou formação sobre reciclagem e catação; nenhum deles participava de associação ou cooperativa de catadores, antes da criação da ACATAVALE, muitos relataram que há dificuldades para se estabelecer um trabalho em associação, como: falta de liderança, organização e união.

As dificuldades relatadas para a realização do trabalho foram variadas, desde o preconceito sofrido pela ocupação mal vista na sociedade até o mal tempo; algumas dificuldades como: falta de material para coletar, longo percurso a ser percorrido, falta de transporte, falta de equipamentos e até mesmo, o comprador dos materiais, foram citadas.

A segunda parte desta pesquisa consiste nas entrevistas semi-estruturadas, as quais foram aplicadas com doze catadores da ACATAVALE. As perguntas que

compõem a entrevista podem ser divididas em três fases, sobre as condições de vida do catador e sua rotina, a percepção sobre si próprio como catador e sua vulnerabilidade e sobre a percepção ambiental.

Todos os catadores entrevistados moravam em áreas de risco³, mais especificamente em uma comunidade chamada Novo Horizonte, localizada no bairro do Cristo Redentor, era um local que ficava próximo ao rio Jaguaribe e com ocorrências de enchentes em épocas de chuva, além de ser um local de tráfico de drogas e sujeitos a muita violência. Diante disto, esta comunidade foi evacuada e transferida para o Conjunto Habitacional Vale das Palmeiras, também no Cristo Redentor, há cerca de três anos.

A rotina da ACATAVALE se desenvolve de forma dinâmica, cada catador projeta seu próprio horário e afazeres, como a associação ainda está em processo de regulamentação, as atividades corriqueiras de uma cooperativa ainda não são realizadas, como: horários fixos, pesagem dos materiais, divisão igualitária da renda.

A mobilidade do horário, durante conversas informais, esse é um dos pontos que mais agradam os catadores, fato este também observado em uma pesquisa realizada por Gonçalves (2013) no estado de Goiás. A falta de opiniões convergentes entre os associados foi um dos pontos mais observados durante as observações diretas da rotina deles, eles discordam sobre os assuntos pertinentes à associação, e em até certo ponto observou-se a falta de união entre os membros, no entanto, o que ficou bastante claro foi o desejo de trabalharem juntos pelo crescimento da associação.

Dando início a entrevista, os catadores foram perguntados sobre a infraestrutura da localidade e sobre o que pensavam sobre a nova moradia. A maioria das respostas foi positiva, eles afirmaram que é um local bom de morar e viver e afirmaram estar satisfeitos, apesar da violência constantemente relatada, no entanto, alguns deles demonstraram reações negativas, como mostram as falas a seguir:

³ Área de risco: São regiões onde a construção de casas e instalações não são permitidas, pois são muito expostas a desastres naturais como desabamentos e inundações; as principais áreas de risco são aquelas que se encontram a beira de morros inclinados e à beira de rios. Mota (2007) dialoga que para a Defesa Civil a área de risco é aquela passível de ser atingida por fenômenos ou processos naturais ou induzidos que causem efeito adverso, tal efeito pode ser fenômenos da natureza ou erro humano.

Ali é muito bom de morar, uma comunidade boa, mas tem muita violência. A infraestrutura de lá tá muito precária viu?! Não tem escola, a praça que tem tá toda desmantelada, só tem a creche que entregaram agora a pouco, mas só pega cinquenta crianças, somente, e as outras fica em casa, elas só pega das mães que ficam em casa, as mães que vão trabalhar elas não pegam, acho isso muito injusto. (Sic) (Mulher, 21 anos, 1 filho)

A estrutura daqui de onde a gente mora, homem... Vou até lhe falar, me desculpa lhe dizer mas é uma porcaria, viu?! [...] aqui é porta caindo, é porta deixando a gente preso, uma peste de barata que as porta dá, pronto. E os teto rachando, vazamento é o que mais dá aqui, pronto. Aqui pra nós viver é desse jeito aqui, tá entregue as barata. [...] (Sic) (Entrevistado 3)

O mesmo foi observado para os apartamentos em que moram, as respostas mais frequentes envolviam reclamações sobre vazamentos de água que ocorrem por todo o apartamento, a frágil estrutura de paredes e tetos, bem como, infestações de insetos. No entanto, o descontentamento não é geral, alguns entrevistados se mostraram satisfeitos com as condições de moradia, como pode ser percebido através das seguintes falas:

Assim, o meu né?! Não sei o dos outros, o meu mesmo não falta não, tá faltando nada não. Onde eu morava era área de risco, era perto da beira do rio, quando chovia a casa da gente entrava água, a água entrava na cozinha, saía na sala. Pra mim que morava na beira do rio, isso foi um presente. (Entrevistado 7) (Sic)

Tá caindo o banheiro, os teto tudo caindo, se tu vê, mal feito, mal feito. [...] Isso aqui qualquer tempo vai desabar, isso aqui não vai ficar em pé não, to dizendo e ninguém acredita, to dizendo que isso aqui vai desabar. [...] (Entrevistado 1) (Sic)

Ao serem interrogados sobre a motivação para terem se tornado catadores, as respostas foram: falta de emprego (50%), o sustento da família (17%), sobrevivência (33%). Na motivação “falta de emprego”, metade foi por causa da idade, situação elucidada pelas seguintes falas:

Comecei a ser catador por que já tava de idade e firma nenhuma me pegava, já faz 16 anos que eu to catando reciclagem. Comecei em 2001 quando saí da LimpFort, não tinha mais emprego pra mim por causa da minha idade que tava avançada, fui ser catador. Nunca tinha catado na vida [...] (Sic) (Entrevistado 4)

A maioria dos catadores vê a catação como um meio de vida, um meio de complemento de renda e de pagar as contas, para Gonçalves (2005) a catação se tornou uma estratégia de sobrevivência encontrada por alguns excluídos socialmente. Quando perguntado sobre o significado da catação para a vida deles, a

resposta mais comum foi “sobrevivência” e que para muitos é o único meio de obtenção de renda e do “pão de cada dia”.

Tudo, tudo por que é meu meio de trabalho né?! O que me sustenta, sustenta minha casa e é o único meio de trabalhar agora que em outro canto ninguém quer mais por que eu tenho 52 anos, aí para eles nas firmas eu não como mais. Nem como, nem visto, nem bebo, por que depois que a pessoa completa os 40, ninguém quer mais dar emprego e o único meio da gente ganhar nosso dinheiro e de sustentar é aqui catando [...] (Sic) (Entrevistado 1)

Como já foi relatado, os catadores são expostos a exaustivas jornadas de trabalho diário, com longas distâncias a serem percorridas e uma carga pesada para carregarem, desse modo, foi questionado como o trabalho de catação teria afetado a qualidade de vida deles, o fato mais relatado foi a presença de dores devido ao esforço, dores nas costas, pernas, abdômen e outras partes do corpo, como fala esta catadora:

Era, era, eu sinto nas pernas (dor), acho que por que eu coisei aqui (perfuração no joelho, durante a catação). Tô viva graças a Deus, mas piorei depois desse negócio que eu tive (AVC), mas sobre a coisa não tive mais não. (Sic) (Entrevistado 8).

Almeida (2009) dialoga que a dor pode implicar em uma vida de baixa qualidade, pois, limita atividades, aumenta o estresse, pode levar ao isolamento social e depressão. A qualidade de vida é o resultado de alguns fatores como saúde, incluindo padrão adequado de nutrição, boa habitação, boas condições de trabalho e acesso à educação (BUSS, 2000).

Diante disso, buscou-se saber se eles possuíam acesso à saúde, educação, cultura e lazer, fatores que estão associados à melhoria da qualidade de vida. Sobre acesso a saúde, a maioria relatou ter acesso, às vezes de forma fácil e outras vezes com mais dificuldades, pois, na localidade não existem postos de saúde ou hospitais, o que para muitos não influencia de forma ruim, pois, estão dispostos a percorrer uma longa distância para chegar até o posto de saúde mais próximo e esperar longas horas por atendimento.

Tem, aqui mesmo no momento não tem não, a gente samo atendido em Bela Vista, a gente samo atendido lá. Minha filha, não, na difícil não, tendo médico a gente chega lá, pega a ficha, aí espera o médico chegar, só que tem dia que o médico trabalha em outra clinica, chega tarde, mas é atendido. (Sic) (Entrevistado 7)

Sobre a educação a maioria (83%) dos catadores relatou que tem fácil acesso, pois, na localidade mesmo há um projeto de alfabetização para adultos de da ONG Sal da Terra, além de ter colégio próximo, com programa de educação para jovens e adultos. Alguns deles estudam, e outros afirmaram querer voltar para a escola. Com relação a cultura e lazer, a maioria deles relatou que vai à praia, escuta música e assiste televisão, no entanto, cinco deles afirmaram que não possuem acesso a nada disso “Não, não. Não, não, não. Tenho é nada home.” (Entrevistado 6).

Sobre qualidade de vida, ainda, alguns catadores demonstraram satisfação com a vida que levam, afirmaram que a qualidade de vida aumentou com relação ao passado, que possuem bens materiais que antes não seria possível com a vida que levavam “Melhorou com certeza, quando eu tava no Recife não tinha o que eu tenho hoje, tenho uma máquina de lavar, uma geladeira [...] meu apartamento é todo na cerâmica, eu posso dar as coisa pas minhas filha [...]” (Entrevistado 5). (Sic)

Para Silva e Gonçalves (2009) a organização dos catadores em cooperativas melhora a qualidade de vida dos mesmos, no entanto, isto depende também do poder público ou de outros agentes sociais, como ONGs por exemplo.

Quando questionados sobre como as desigualdades da sociedade afetam a vida deles, as respostas foram que por causa da sociedade algumas pessoas tem mais oportunidades do que as outras e que sempre querem humilhar os que tem menos, possuem más condições financeiras e que faltava emprego, situação relatada pela fala a seguir:

Assim como? A falta de dinheiro, por que a gente não tem, aí outro que tem quer pisar nos que não tem, quer humilhar o outro que já não tem, quer passar por cima, aí isso já destrói o que tem. Por que se a gente é catador o outro fica chamando a gente de lixeiro, catador de lixo, é assim, aí já acaba com a gente, a discriminação é grande sobre os catadores. A gente tá seguindo em frente, né?! Com fé em Deus a gente vence, não tem nada melhor do que a gente ter fé, né?! (Entrevistada 1) (Sic)

Sobre o que pensam acerca da profissão e suas maiores dificuldades, os catadores responderam que acham que é uma profissão como outra qualquer (16,7%), que é uma boa profissão (33,3%) e 16,6% relataram que é uma profissão difícil. Entre as dificuldades relatadas estão as longas distâncias percorridas e as altas temperaturas enfrentadas.

Os catadores, também, foram questionados acerca de como se veem na sociedade, 50% deles disseram que se veem iguais a todo mundo e a outra metade relatou que veem os catadores como discriminados e que não são reconhecidos pela sociedade, fato este observado em uma pesquisa realizada por Teixeira (2015) com catadores no estado de Minas Gerais. Viana (2000) dialoga que o sentimento de desvalorização pode estar relacionado com a baixa qualidade de vida. Para Oliveira *et. al* (2008) alguns catadores tem sua representação social mais comum aqueles que não tiveram alternativa e tiveram que viver do lixo e que a maneira como eles próprios veem sua atividade de catação e representação social parece interferir em suas relações no mundo social.

Eu vejo que muita gente aceita mas muita gente desfaz da gente, chama agente de lixeiro, já levei muitos gritos no meio da rua, mas eu tenho a resposta na ponta da língua, eu dou resposta, sou meio mal criado. Quando a pessoa vem se desfazer de mim eu digo que vou botar um processo, danos morais, por que não pode rapaz, é um emprego como qualquer um. Não tem muito o que dizer da reciclagem não, mas muita gente discrimina a gente. O mau é isso. (Sic) (Homem, 56 anos, 9 filhos)

Sobre preconceito sofrido nas ruas, 58,3 % dos entrevistados disseram já ter sofrido preconceitos ou outro tipo de discriminação. Em um trabalho realizado por Kirchner (2009) com catadores do Rio Grande do Sul, 84% dos catadores disseram ter sofrido preconceito por causa da profissão.

Já, por ser catador já, mas assédio não e nem coisa mas preconceito já. Isso lá no Recife, eu, tinha uns meninos que estudavam quando era menor, eu estudava quando era de tarde e catava de manhã, aí passava uns meninos da escola, aí ficava me abusando “ ei cata lixo, cata lixo” eu fiz “graças a Deus que eu sou cata lixo”, aí hoje quando eu vou lá no Recife aquelas pessoas a que zombaram de mim, eu vejo eles catando, eu não falo nada por que a língua não tem osso, você não deve julgar ninguém por aparência, você tem que ver o lado, o futuro mais tarde, o seu eu depois, aí pronto, por isso que eu não critico ninguém, a gente não sabe o dia de amanhã. (Entrevistado 5) (Sic)

[...] E eles querem discriminar a gente, tem deles que na rua não querem dar um copo d'água a gente, com nojo. Eu passo muito por isso na rua, tem nojo, quando eles fecha a porta, num digo todos por que tem gente que ainda abre, que dá um lanche, umas já tem outros que fecha a porta. Isso aí eles tem que reverem por que todos somos catadores, somos seres humanos. A gente cata por que não tem emprego, a gente passa o dia de fome, de sede, se a gente não levar água morre de sede. [...] (Sic) (Entrevistado 1)

Com relação as mulheres o preconceito transpassa as barreiras das palavras e chegar ao assédio sexual, “Uma vez um “caba” ia pegando eu “pa” estuprar lá na ladeira do Rangel, a felicidade foi um vigia.” (Mulher, 48 anos, 10 filhos).

[...]Minha filha olhe, eu tava catando no meio da rua, há umas três semanas, vinha um rapaz de lado de mim [...]quando eu olhei ele tava do meu lado, aí quando eu olhei assim pra ele, ele disse “olha”, quando eu olhei ele tava com a “bicha” pro lado de fora, foi. [...] (Sic) (Entrevistado 2)

Quando questionadas sobre como elas se veem enquanto catadoras as respostasse direcionam para o sentido de que são batalhadoras mas que sofrem preconceito por serem mulheres, além de sofrerem por serem catadoras. Todas elas apresentam consciência do seu valor enquanto mulheres na sociedade, apesar de sofrerem grande discriminação nas ruas e dentro de casa, como pode ser percebido nas falas de duas trabalhadoras:

[...] elas são batalhadoras por que né “pa” ninguém, por que é um peso que pega aquele carrinho né toda mulher que tem disposição não, mulher guerreira que trabalha com reciclagem. [...] (Sic) (Mulher, 21 anos, 1 filho)

[...] Eu acho é um risco de vida que a gente corre por que a gente não sabe quem a gente encontra no meio do caminho, sai de casa e não sabe quem encontra e se chegar bem ou se não chega. [...] É muito preconceito, por que pode ver o salário, tem mulher que trabalha mais do que os homens e o salário é o mesmo e tanto ele sai de casa com o mesmo horário e ela sai de casa no mesmo horário também. [...] Eu sofro isso em casa, por que eu saio de manhã e chego de tarde, o meu marido bebe e fica dizendo que eu sou vagabunda, que eu não presto, ele chama eu de vagabunda, que eu não faço nada dentro de casa, é isso, eu sofro dentro de casa e não posso fazer nada. [...] (Sic) (Entrevistado 2)

Quando perguntados acerca da importância da catação de modo geral, a resposta foi unânime: limpeza seja ela da cidade ou do meio ambiente. Diante dessas respostas, eles foram questionados sobre o que entendiam como meio ambiente, natureza foi a resposta mais citada “Meio ambiente é a natureza, né?! Pé de pau, árvore e essas coisas. Acho que sim, que “nóis” “veve” nele né?! Então a gente faz parte dele também.” (Sic) (Entrevistado 2).

Acho que meio ambiente é o rio, muitas coisas, mar, mata, né?! É um rio, uma mata, tudo isso é meio ambiente, né?! Aqui ao redor do prédio, tudo aqui é meio ambiente, é área ambiental, é mata, é tudo. O ser humano é um

animal que acaba com tudo, sabendo que acaba com tudo, joga lixo, lata no rio, o ser humano, não é a natureza não.. O ser humano que acaba com a natureza, o rio era pra ser um rio limpo.[...] (Sic) (Entrevistado 4)

O meio ambiente eu acho que é a natureza, né?! Com certeza a gente faz parte do meio ambiente, é o ar que a gente respira, né?! É o bairro que a gente anda que é tudo limpo, sem poluição nenhuma, né?! Pronto, aí se chama meio ambiente. Preservar, preservar. (Sic) (Entrevistado 3)

Desta forma, todos eles parecem tecer uma percepção convergente sobre o meio ambiente, quando responderam que o mesmo é formado pela natureza, pelo local que habitam, pela cidade como um todo, elementos naturais e a preservação deles e elementos não naturais que permeia suas vidas.

A concepção da preservação do meio ambiente envolve, para Sauv  (2005), uma visão pura sobre a natureza, onde a mesma deva ser respeitada. Oliveira *et. al* (2015) dialoga que dentro da sociabilidade existe uma rela o entre sociedade e natureza, onde essa rela o   mediada por um conflito, no qual a humanidade tem exercido um poder descontrolado sobre a natureza para obten o de lucros e por outro lado a forma o de uma consciência de cuidado com a natureza.

Para eles a cata o exerce um papel importante na natureza, pois retira dela o lixo, que na opinião deles, causa polui o, enchentes, doenças, suja e mata a natureza.

Pode afetar tampando as galerias, as enchentes quando o povo bota, se toma um refrigerante, uma garrafa d'água a pessoa joga no meio da rua, ali se você não tirar dali vai afetar a natureza, com certeza. (Sic) (Entrevistado 2)

Os riscos nessa profissão existem, em um trabalho realizado por Porto *et. al* (2004) 72% dos catadores reconheceram que existem riscos na profissão e 71,7% afirmou já ter sofrido algum tipo de acidente de trabalho, no entanto, 0% relatou ter contraído algum problema de saúde devido a cata o. No presente trabalho, todos os catadores da ACATAVALE reconhecem que a cata o oferece riscos   saúde, 44,4% afirmaram ter sofrido acidentes durante a cata o, mas 0% relatou algum problema de saúde devido   profissão.

Pode, n ?! Doença, as vez a gente leva um corte, pega uma bacteria, n ?! [...] levei um corte que fui até operado. Foi de cerâmica, tava dentro de um saco de lixo, botei a mão sem luva e tava são a ponta, já foi cortando, aí o sangue começou a estufar pra fora corri, corri, corri e me levaram para o Traumas, ainda fui operado. (Sic) (Entrevistado 3)

Pode, saúde. É por que é o mau cheiro, né?! A gente vai catando, as vezes tem cocô de cachorro, tem uns que separam, a gente chega a lá já tá tudo separado mas tem uns que junto de cocô de cachorro, de resto de comida, ali é o mau cheiro que a gente fica inalando né?! Ali é um risco pra nossa saúde. (Sic) (Entrevistado 2)

Para as catadoras e catadores a educação tem relação profunda com a natureza, onde a educação pode afetar o modo como as pessoas se relacionam com o meio ambiente, estabelecendo uma relação de proteção e cuidado. O que fica evidenciado nas palavras deste catador:

Eu acho que existe, é por que o professor fica sempre alertando o aluno sobre fazer a limpeza né?! Meio ambiente, pra fazer a limpeza, né, sobre o meio ambiente e não trazer doença, nem matar a mãe natureza, aí eu acho que tem isso aí. (Sic) (Entrevistado 1)

O Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global de 1992, aponta que é indiscutível o papel da educação para a formação de valores e ações sociais, de contínua aprendizagem que representa um processo transformador através do envolvimento pessoal e das comunidades, em busca de uma sociedade sustentável e equitativa (RIBEIRO, 2001). A visão predominante sobre a educação ambiental é de vê-la como uma ferramenta para aproveitá-lo em sua totalidade, através da sensibilização das pessoas para com a natureza (OLIVEIRA *et. al* 2015)

A categoria de catadores é fruto do desemprego, seja pelo baixo nível de escolaridade, ou seja, pela idade e da exclusão social (MIURO, 2004), porém, é inquestionável a importância dos catadores sob a ótica ambiental (MEDEIROS & MACEDO, 2006).

O trabalho com os materiais recicláveis é uma peça-chave na vida dos catadores, representa não só um meio de subsistência, mas também de integração social (MEDEIROS & MACEDO, 2007). Antes de tudo, os catadores são a representação significativa da luta pela sobrevivência, utilizam o que as pessoas não mais precisam, para obter sua renda, e por isso mesmo vivem marginalizados pela sociedade.

Segundo Meirelles & Gomes (2008) os catadores desenvolvem uma função socialmente rejeitada, sendo um exemplo de exclusão social. Sobreviver dia após dia dos materiais que encontra nas ruas, dos rejeitos de uma sociedade consumista

e exploratória, é no mínimo louvável. A organização em forma de associação assume um papel cultural e socioeconômico frente aos catadores, envolvendo-os na realidade socioambiental de suas atividades (SPOSAT, 1998)

5. CONCLUSÃO

As condições socioambientais nas quais os catadores da ACATAVALE estão inseridos são precárias: baixo nível de escolaridade (83,3% semianalfabeto), renda familiar mensal inferior a um salário mínimo nacional (100%), rotina de trabalho de até 8 horas (100%) e percurso percorrido diário de até 15 km (100%), condições de moradia quase inadequadas, com infestações de insetos e alto índice de vazamentos de água e condições laborais indevidas que se refletem em riscos de acidentes durante o trabalho.

Constatou-se que os catadores de materiais recicláveis sofrem diariamente atos preconceituosos e discriminatórios por parte da população local, que os colocam em posição marginalizada com relação ao resto da sociedade, não os percebendo como os profissionais que são, com grande relevância para sociedade e para o meio ambiente, reintroduzindo o resíduo gerado como matéria-prima e contribuindo para a diminuição dos impactos na natureza causados pela poluição.

Todos os entrevistados demonstraram alta percepção sobre o meio ambiente e os impactos que os resíduos sólidos podem causar na natureza, da vulnerabilidade social a que estão submetidos, dos riscos que correm ao trabalhar com resíduos sólidos, bem como, do papel fundamental que eles desempenham para a sociedade.

Em nenhum momento foi registrado que os catadores e catadoras se veem como sendo menos importantes como pessoa ou como profissional, mas sim, percebem que a sociedade os marginaliza e os discrimina por estarem em uma posição social menos favorecida.

As mulheres que representam mais da metade da população da ACATAVALE simbolizam a luta pela independência, representam a luta pela mudança de uma ordem social onde as mulheres são levadas a crer que são menos capazes de realizar trabalhos impostos como masculinos, elas vão à luta para sustentar a família, são as que põem a cara no sol e arregaçam as mangas para sobreviver. Todas as catadoras entrevistadas têm consciência disto e não se esmorecem mesmo sendo discriminadas, diminuídas e até mesmo violentadas dentro de sua própria casa.

A educação constitui um elemento para a mudança da realidade em que vivem essas pessoas, todos os catadores entrevistados concordam que através da

educação tanto a qualidade de vida e a relação que a sociedade desenvolve com a natureza pode ser diferente, pode melhorar.

Através da educação da população e dos próprios trabalhadores, haverá uma maior valorização em relação aos agentes ambientais “catadores”, quanto profissionais e pessoas frente à sociedade.

Os objetivos da pesquisa foram atingidos com satisfação, foi constatado a percepção da vulnerabilidade que os catadores e catadoras possuem, bem como, a participação da mulher no trabalho da reciclagem.

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Rabelo; ELIAS, Elcinéia Tavares; DE MAGALHÃES, Marcos Alves; VIEIRA, Antônio José Dias. Efeito da idade sobre a qualidade de vida e saúde dos catadores de materiais recicláveis de uma associação em Governador Valadares, Minas Gerais, Brasil. **Cien Saude Colet**, v. 14, n. 6, p. 2169-80, 2009.

ARAÚJO, Thiago Laurentino; SILVA, Carla Tatiane; COSTA, Ivaneide Alves Soares. Educação ambiental como eixo integrador no ensino-aprendizagem de conteúdos ecológicos: uma experiência com a EJA. **Revista Educação Ambiental em Ação**, n. 47, ano XII. Minas Gerais, 2014.

BARBOSA, Gisele Silva. O desafio do desenvolvimento sustentável. **Revista Visões**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 1-11, 2008.

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco: rumo a uma nova modernidade**. São Paulo: Editora 34, p. 384, 2010.

BOSI, Antônio de Pádua. A organização capitalista do trabalho "informal": o caso dos catadores de recicláveis. **Revista Brasileira de ciências sociais**, São Paulo, v. 23, n. 67, p. 101-116, 2008.

BRAGA, Tania Moreira; OLIVEIRA, Elzira Lucia de; GIVISIEZ, Gustavo Henrique Naves. Avaliação de metodologias de mensuração de risco e vulnerabilidade social a desastres naturais associados à mudança climática. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 81-95, 2006.

BRANDALISE, Loreni T. et al. A percepção e o comportamento ambiental dos universitários em relação ao grau de educação ambiental. **Revista Gestão & Produção**, São Carlos, v. 16, n. 2, p. 286-300, 2009.

BRAZ, Regina de Fatima dos Santos; BISPO, Cristina de S.; COLOMBO, Ciliana R.; MEDEIROS, Marjorie ; DA SILVA, Jane Ciamele Souza; TEIXEIRA, Marianne Torres da Costa; SARTHOUR, Stefferson Alves; DE SOUZA Maria de Fátima. Estudo sobre os aspectos sócio-econômicos dos catadores de resíduos recicláveis organizados em cooperativas na cidade de Natal-RN. **REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado de Educação Ambiental**, v. 31, n. 2, p. 147-159, 2014.

BUSS, Paulo Marchiori. Promoção da saúde e qualidade de vida. **Ciência & saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 163-177, 2000.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Editora Record, Rio de Janeiro, 2003.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-133, 2003.

CARVALHO, Ana Maria Rodrigues; GIRALDI, Gláucia Gonçalves; AVIGERI, Marília Moreno. Autonomia e Poder em uma associação de catadores; contradições e desafios. **Anais. VI Seminário do trabalho. Marília**, v. 1, 2008.

CARVALHO, Luiza. Famílias chefiadas por mulheres: relevância para uma política social dirigida. **Revista Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, v. 57, 1998.

CAVALCANTE, Sylvia; FRANCO, Márcio Flavio Amorim. Profissão perigo: percepção de risco à saúde entre os catadores do Lixão do Jangurussu. **Revista Mal Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 7, n. 1, p. 211-231, 2007.

CAVALCANTI, Clóvis. (org.). **Desenvolvimento e Natureza: estudos para uma sociedade sustentável**. São Paulo: Cortez, 2003.

DAGNINO, Ricardo de Sampaio; JUNIOR, Salvador Carpi. Risco ambiental: conceitos e aplicações. **CLIMEP-Climatologia e Estudos da Paisagem**, Rio Claro, v. 2, n. 2, 2007.

DESCHAMPS, Marley Vanice. Estudo sobre a vulnerabilidade socioambiental na Região Metropolitana de Curitiba. **Cadernos Metrópole.**, Curitiba, n. 19, 2008.

ESTEVES, Cláudio Jesus de Oliveira. Risco e vulnerabilidade socioambiental: aspectos conceituais. **Caderno IPARDES-Estudos e Pesquisas**, Paraná, v. 1, n. 2, p. 62-79, 2011.

FAGGIONATO, Sandra. Percepção ambiental: material de apoio–textos, 2002. **Disponível no site http://educar.sc.usp.br/biologia/textos/m_a_txt4.html**. Acessado em 2008.

FERREIRA, Leila da Costa. **A questão ambiental: sustentabilidade e políticas públicas no Brasil**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1998.

FERREIRA, Samantha Ladislau; DA CUNHA, Fábio Rabelo; MARQUES, Rosana Grrote; DE SANTOS, Sandra Maria Santos; MUNIZ, João Agnaldo as Costa. Importância ambiental do trabalho dos catadores de materiais recicláveis em Goiânia - Goiás Brasil. In: **Congresso Interamericano de Ingeniería Sanitaria y Ambiental**, 30. AIDIS, Goiás, 2006. p. 1-20.

GODOY, Arlida Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GOHN, Maria da Glória. Mulheres–atrizes dos movimentos sociais: relações políticos-culturais e debate teórico no processo democrático. **Política & Sociedade**, Paraná, v. 6, n. 11, p. 41-70, 2008.

GONÇALVES, Raquel de Souza. **Catadores de materiais recicláveis: trajetórias de vida, trabalho e saúde**. Rio de Janeiro, 2004. Tese de Doutorado.

GONÇALVES, Cleber. A vida no lixo: um estudo de caso sobre os catadores de materiais recicláveis no município de Ipameri, GO/Life in the trash: a case study on recyclable materials in Ipameri, GO. **Holos**, v. 29, n. 2, p. 238, 2013.

GUILAM, M. C. R. O conceito de risco: sua utilização pela epidemiologia. **Engenharia e Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, 1996.

HOEFFEL, João Luiz et al. Concepções e percepções da natureza na Área de Proteção Ambiental do Sistema Cantareira. In: **Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação**. Curitiba: **Fundação O Boticário**. 2004. p. 2004.

HAGUETTE, Tereza Maria Frota. Metodologias qualitativas na sociologia. 4.ed. **Petrópolis: Vozes**, 1995. p.111-146.

HOLLOWAY, I.; WHEELER, S. "Blackwell Science". **Melbourne VIC**, Melbourne, 1996.

JACOBI, Pedro Roberto. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, v. 118, n. 3, p. 189-205, 2003.

JACOBI, Pedro Roberto. Educação ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. **Educação e pesquisa**, v. 31, n. 2, p. 233-250, 2005.

KIRCHNER, Rosane Maria; SAIDELLES, Ana Paula Fleig; STUMM, Eniva Miladi Fenandes. Percepções e perfil dos catadores de materiais recicláveis de uma cidade do RS. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, Rio Grande do Sul, v. 5, n. 3, 2009.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Artmed; UFMG, 1999.

LEFF, Enrique; VALENZUELA, Sandra; VIEIRA, Paulo Freire. **Epistemologia ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001.

LIMA, Maria Alice Dias da Silva; ALMEIDA, Maria Cecília Puntel de; LIMA, Cristiane Cauduro. A utilização da observação participante e da entrevista semi-estruturada na pesquisa de enfermagem. **Revista gaúcha de enfermagem. Porto Alegre. Vol. 20, n. especial (1999), p. 130-142**, 1999.

MARANDOLA JR, Eduardo; HOGAN, Daniel Joseph. As dimensões da vulnerabilidade. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 33-43, 2006.

MARTINS, Andrea. Cristina. A Busca de proteção ao trabalho dos catadores de lixo recicláveis: análise da experiência do Instituto lixo e Cidadania em Curitiba, PR. **PR. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal de Ponta Grossa, Ponta Grossa**, 2007.

MARTINS, Heloisa Helena de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, 2004.

MEDEIROS, Julie Eugênio da Siva Francisco et al. Analysis of the evolution and future estimates of collected domestic solid waste in João Pessoa and its relation with other consumption indicators. **Engenharia Sanitaria e Ambiental**, Paraíba, v. 20, n. 1, p. 119-130, 2015.

MEDEIROS, Luiza Ferreira Rezende de et al. Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência?. **Psicologia & Sociedade**, Goiânia, v. 18, n. 2, p. 62-71, 2006.

MELAZO, Guilherme Coelho. Percepção ambiental e educação ambiental: uma reflexão sobre as relações interpessoais e ambientais no espaço urbano. **Olhares & Trilhas**, Uberlândia, 2005.

MEIRELLES, Delton Ricardo Soares; GOMES, Luiz Cláudio Moreira. A Busca da Cidadania: a Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho. **Duque de Caxias-RJ. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2008/docsPDF/ABEP2008_1139.pdf. Acesso em, v. 26, 2009.**

MENDONÇA, Francisco. Riscos, vulnerabilidade e abordagem socioambiental urbana: uma reflexão a partir da RMC e de Curitiba. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, v. 10, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 4.ed. Petrópolis : Vozes, 1995.

MIURA, Paula. **Tornar-se catador: uma análise psicossocial**. 2004. 2014. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social)–Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL (CNMR). http://www.mncr.org.br/box_2/instrumentos-juridicos/classificacao-brasileira-deocupacoes-cbo.

MOTA, Edmara Oliveira; FREITAS, Mayanna Machado; DOS REIS FRANÇA, Rafael. A percepção dos resíduos sólidos (lixo) na visão dos catadores da lixeira da Terra Dura em Aracaju, Brasil. **Scire Salutis**, Sergipe, v. 3, n. 1, p. 86-96, 2013.

MOTA, Lidiany Soares. **Pobreza invisibilizada e resistência: as favelas às margens de trilhos em Fortaleza CE e a política de urbanização de áreas de risco**. Pernambuco, 2007.

NETO, Ana Lúcia Gomes Cavalcante; DO RÊGO, Ana Rita Franco; LIRA, Andréia; ARCANJO, Jacineide Gabriel; DE OLIVEIRA, Maria Marly. Consciência ambiental e os catadores de lixo do lixão da cidade do Carpina–Pe. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Pernambuco, v. 19, p. 99-109, 2007.

OBADOWSKI, Janaína Novicki; SANTOS, Marise Keller dos; MARQUES, Maria Cristina Treptow. Mapeamento da Logística de Resíduos Sólidos Urbanos e a Formação em Educação Ambiental e Economia Solidária de Agentes Ambientais da Associação Fraget e de Catadores de Resíduos Sólidos. Rio Grande do Sul, 2014.

OLIVEIRA, Luan Gomes dos Santos de; TOSCANO, Geovânia da Silva; CAMACHO, Ramiro Gustavo Valera ; DE GÓIS, Gilcélia Batista. A contribuição dos catadores de lixo para a formação de uma Educação Ambiental no semi-árido nordestino do Brasil. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, Rio Grande do Norte, v. 10, n. 3, p. 97-110, 2015.

OKAMOTO, Jun. Percepção ambiental e comportamento. São Paulo: Plêiade, 1996.

OLIVEIRA, Michele Moraes; LUDWIG, Márcia Pinheiro; GRIFFITH, James Jackson; DA SILVA, Patrícia Fernanda Gouveia. Vulnerabilidade e exclusão social: uma abordagem sobre representações sociais de catadores de materiais recicláveis em Ipatinga-MG. **Oikos**, Minas Gerais, v. 19, p. 33-52, 2008.

PORTO, Marcelo Firpo de Souza; JUNCÁ, Denise Chrysóstomo de Moura; GONÇALVES, Raquel de Souza; FILHOTE, Maria Izabel de Freitas. Lixo, trabalho e saúde: um estudo de caso com catadores em um aterro metropolitano no Rio de Janeiro, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 6, p. 1503-1514, 2004.

REIGOTA, Marcos. Desafios à educação ambiental escolar. **Educação, meio ambiente e cidadania: reflexões e experiências**. São Paulo: SMA, p. 43-50, 1998

RIBEIRO, Lílian Arruda; DA SILVA, Mônica Maria Pereira; LEITE, Valderi Duarte; SILVA, Humberto. Educação ambiental como instrumento de organização de catadores de materiais recicláveis na Comunidade Nossa Senhora Aparecida, Campina Grande-PB. **Revista de Biologia e Farmácia**, Campina Grande, v. 5, n. 2, p. 59-72, 2011.

ROCHA, Bárbara Oliveira. MULHERES INVISÍVEIS: A IDENTIDADE DAS CATADORAS DE MATERIAIS RECICLÁVEIS. **Revista Gênero**, São Paulo, v. 14, n. 2, 2016.

ROSA, Luciene Gonçalves; SILVA, Monica Maria Pereira da. **Percepção ambiental de educandos de uma escola do ensino fundamental**. Anais do 6º Simpósio Ítalo Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental, Campina Grande, 2002.

SADER, Eder. **Quando novos atores entram em cena (experiência de luta dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-1980)**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

SAUVÉ, Lucie. **Educação Ambiental: possibilidades e limitações**. Educação e Pesquisa, v. 31, n. 2, p. 317-322, 2005.

SCOTT, Joan. História das mulheres. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo; UNESP, p. 63-95, 1992.

SILVA, Luciana Codognoto da; MENEGAT, Alzira Salete. Trabalho e vida de mulheres catadoras:(re) construindo novas cartografias existenciais (Work and life of female waste pickers:(re) constructing new existential cartographies). **Emancipação**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 263-278, 2016.

SILVA, Monica Maria Pereira da; LEITE, Valderi Duarte. Estratégias para realização de educação ambiental em escolas do ensino fundamental. **Educação ambiental**, Paraíba, p. 133, 2008.

SILVA, Danielle Nathally; VAZ, Natalia Ferreira; CASTOR, Paula Guerra, DE OLIVEIRA, Tatiana Felix; GUENTHER, Mariana. Diagnóstico Socioambiental da Comunidade de Catadores de Lixo de Paudalho (PE-Brasil). **Iniciação Científica Cesumar**, Pernambuco, v. 16, n. 2, 2014.

SILVA, Antônio, Carlos, Gomes. **Catadores de lixo: aspectos sócio-ambiental da atividade desenvolvida no lixão municipal de Corumbá, Mato Grosso do Sul**, Brasília, 2002.

SILVA, Luciana Codognoto; MENEGAT, Alzira Salete. Histórias de Mulheres Catadoras: rompendo silêncios, edificando resistências, construindo novas escritas históricas. **Em tempo de histórias**, Brasília, n. 24, p. 106-119, 2014.

SILVA, Susana Maria Veleda Da. Os estudos de gênero no Brasil: algumas considerações. **Biblio 3w: revista bibliográfica de geografia y ciencias sociales**, Rio Grande do Sul, v. 5, 2000.

SIMON, C. P. Prostituição juvenil feminina: uma abordagem compreensiva [dissertação de mestrado em Psicologia]. **Ribeirão Preto (SP): Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo**, 1999.

SOUZA, Lidia Costa Ramos de. **Avaliação da percepção ambiental e uso do canal de Gargaú pela Comunidade do Entorno**. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://bd.centro.iff.edu.br/jspui/bitstream/123456789/936/1/Artigo%20-%20Ed.%20Ambiental%20-%20Lidia.pdf>

TEIXEIRA, Karla Maria Damiano. Trabalho e perspectivas na percepção dos catadores de materiais recicláveis. **Psicologia & Sociedade**, Minas Gerais, v. 27, n. 1, 2015.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Difel, São Paulo, 1980.

VIANA, Nildo. Catadores de lixo: renda familiar, consumo e trabalho precoce. **Revista Estudos da Universidade Católica de Goiás**, Goiás, v. 27, n. 3, p. 407-691, 2000.

VYGOTSKY, Lev S. Internalização das funções psicológicas superiores. **A formação social da mente**, São Paulo, 1991.

ZAMPIERON, Sonia Lúcia Modesto; FAGIONATO, Sandra; RUFFINO, Paulo Henrique Peira. Ambiente, representação social e percepção. **O estudo de bacias hidrográficas: uma estratégia para educação ambiental**, São Paulo, v. 2, p. 17-20, 2003.

APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA****CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS****CAMPUS V- MINISTRO ALCIDES CARNEIRO****CURSO DE BACHARELADO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisador responsável à aluna de graduação Nathalia Racquel de Oliveira Rocha, do curso de Ciências Biológicas, da Universidade Estadual da Paraíba, sob a orientação do professor Doutor Vancarder de Brito Souza, que pode ser contatada pelo email rocha.nathalia@outlook.com e pelos telefones (83) 98858-4014 e (83) 3223-1138. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com catadores de materiais recicláveis, visando, por parte da aluna a realização de um trabalho de conclusão de curso, intitulado “ACATAVALE: A percepção da vulnerabilidade socioambiental e a representatividade da mulher na catação”. Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será gravada e transcrita. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, e que nesse caso será preservado o anonimato dos participantes, assegurando assim minha privacidade. Além disso, sei que posso me recusar a conceder a entrevista para a pesquisa.

Assinatura do entrevistado

João Pessoa, ____ de _____ de 2016.

Roteiro de Entrevista

- 1 - Há quanto tempo é catador de materiais recicláveis e porque se tornou um catador?
- 2- Como você acha que as desigualdades sociais e econômicas afetam sua vida?
- 3- Como você vê os catadores na sociedade?
- 4- Você já sofreu alguma ameaça, assédio ou sofreu preconceito enquanto estava catando?
- 5- Você tem acesso às políticas públicas, de saúde, educação, cultura e lazer?
- 6- Como pode ser descrito o bairro, a localidade onde você mora?
- 7- O que você pode falar sobre o seu ambiente físico domiciliar?
- 8- Como é ser catador, o que você pensa sobre essa profissão e quais as maiores dificuldades de ser um catador?
- 9- Como você vê as mulheres que são catadoras de resíduos sólidos?
- 10- Você acha que o trabalho com resíduos sólidos pode trazer algum risco?
- 11- Você já sofreu algum acidente ou adoeceu por causa do trabalho com os resíduos sólidos?
- 12 - O que a catação significa para você?
- 13 - A catação é sua única forma de sustento ou de sustento da família?
- 14- Como a catação afetou ou afeta sua qualidade de vida?
- 15- Em sua opinião, qual a importância da catação de resíduos sólidos?
- 16- O que você entende como meio ambiente?
- 17- Como você acha que os resíduos sólidos podem afetar a natureza?
- 18- Você acha que o seu trabalho de catação tem relação com a natureza?
- 19- Para você, a educação pode melhorar a qualidade de vida das pessoas?
- 20- Existe relação entre educação e natureza, já ouviu falar em educação ambiental?

